

# HISTÓRIA E CULTURAS

## OLHARES LOCAIS SOBRE DONA GUIDINHA DO POÇO

Carla Ronniele Teixeira Andrade<sup>1</sup>

Altamar da Costa Muniz<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo estuda as várias visões sobre a personagem Dona Guidinha do Poço, obra de Oliveira Paiva a partir dos livros “À margem de Dona Guidinha do Poço: história romanceada, história documentada”, publicado em 1963, pelo historiador Ismael Pordeus; "A absolvição de Marica Lessa", de 2003 da jornalista e poetisa Graça Braga; e “D. Guidinha do poço- A peça”, de 2019, do cronista Felix Almeida. Todos de Quixeramobim-CE, cidade onde Oliveira esteve tratando-se de um tuberculose e onde morava Marica Lessa, a senhora proprietária de terra acusada de assassinar o marido em 1853. Por estas obras identificaremos as representações sobre o papel do feminino e suas ações em diferentes épocas históricas.

Palavras chave: Oliveira Paiva; Literatura e História; Dona Guidinha do Poço

### ABSTRACT

This article studies the various views on the character Dona Guidinha do Poço, a work by Oliveira Paiva, based on the books “À margem de Dona Guidinha do Poço: história romanceada, história documentada”, published in 1963, by historian Ismael Pordeus; "A absolvição de Marica Lessa", 2003 by journalist and poet Graça Braga; and “D. Guidinha do poço- A peça”, from 2019, by the chronicler Felix Almeida. All from Quixeramobim-CE, the city where Oliveira was treated for tuberculosis and where Marica Lessa, the landowner accused of murdering her husband in 1853, lived. Through these works we will identify the representations of the role of the feminine and their actions in different historical epochs.

### ISMAEL PORDEUS E A FUNDAMENTAÇÃO HISTÓRICA DO ROMANCE.

Ismael Pordeus nasceu em Quixeramobim no dia 25 de dezembro de 1912, filho de Rafael Pordeus Costa Lima e D. Maria de Jesus Andrade Pordeus. Trabalhou no serviço público estadual como secretário de menores abandonados de Santo Antônio de Pitaguari, mais tarde transformado em instituto Carneiro de Mendonça. Foi diretor geral da secretaria de polícia e segurança pública e esteve à disposição do Banco do Nordeste do Brasil, do juizado de menores, Diretoria do Fórum e Arquivo Público do Estado. Na administração do prefeito Cordeiro Neto ocupou a secretaria municipal de educação. A sua última função pública foi de técnico de pesquisas históricas, lotado no Arquivo Público. Ingressou no Instituto do Ceará no dia 25 de agosto de 1955. Faleceu em Fortaleza no dia 6 de setembro de 1964<sup>3</sup>.

Ismael Pordeus escreveu o livro “À margem de Dona Guidinha do Poço- História romanceada- História documentada” em 1963, numa separata da Revista da Academia Cearense de

<sup>1</sup> Licenciada em História pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central da Universidade Estadual do Ceará ( Campus Quixadá. UECE/FECLESC).

<sup>2</sup> Prof. Dr. do curso de História FECLESC e do mestrado acadêmico de História, Culturas e Espacialidades da UECE.

<sup>3</sup> PORDEUS, Ismael. À margem de Dona Guidinha do Poço. Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2004. Nota bibliográfica de Fernando Câmara.

# HISTÓRIA E CULTURAS

Letras. Ano LXV , nº 30. No início de 2002, foi reeditado numa publicação fac-simile pelo Museu do Ceará.

Nas últimas páginas do livro *Pordeus* traz interessantes informações sobre o Quixeramobim de 1853, ano em que ocorrera a tragédia que inspirou Oliveira Paiva. Ismael cita o número de batizados, casamentos, óbitos, irmandades. Neste ano foram batizados 357 meninos e 365 meninas, sendo 24 escravos do sexo masculino e 27 do sexo feminino; 115 pessoas livres foram casadas, escravas 15; irmandades eram três: “ Irmandades do santíssimo sacramento, de Nossa senhora do Rosário e das Almas”. *Pordeus* cita até mesmo os nomes e os ordenados dos professores nas escolas de meninos e meninas. José Antônio Monteiro Imbiriba era o professor do segundo semestre da escola de meninos, ganhava 500\$000 réis anuais. Havia 61 alunos matriculados. Na escola de meninas a professora chamava-se Joana Antônia do Sacramento, ganhava 300\$000 réis anuais e tinha 48 alunas matriculadas em sua aula também no segundo semestre. Podemos perceber que o número de meninas que estudavam eram menor do que os de meninos e que existia uma diferença salarial significativa entre professor e professora. A Câmara municipal funcionava em uma casa pertencente ao comerciante Jacinto de Sousa Pimentel, na rua do Cotovello. Era alugada por 4\$000 réis anuais<sup>4</sup>.

Era tradição na Vila de Quixeramobim a feira livre, que acontecia todos os sábados na rua do Cotovello. A ata da sessão da câmara de 11 de abril de 1853 mostra que havia exposição de vendas para consumo público e que toda população deveria ser informada disso. O curral do açougue ficava depois da rua do Velame. Fora construído em 1952 por Antônio Pereira Lira Júnior. Custou ao município 180\$000 réis. O autor fala do seu tamanho e da sua dimensão, ressaltando que fora construído com estacas de aroeira. O mercado também funcionava em um prédio de aluguel. A Câmara havia feito um contrato com D. Inácia Joaquim da Anunciação sobre a construção de um prédio para servir de mercado público. Era comum alugar casas ou prédios com o intuito de estabelecer uma instituição pública. *Pordeus* fala também sobre a receita da Câmara, mostrando que no ano de 1853 a arrecadação não atingiu a sua meta devido ao escasso inverno<sup>5</sup>.

Nas páginas seguintes Ismael segue em sua busca de mostrar ao leitor o cenário da Vila de Quixeramobim no ano de 1853. Havia no município 7 estradas públicas, 88 açúdes de terra e de pedra em cal em bom estado, e mais alguns outros arruinados de pouca valia, havendo, portanto, parragens apropriadas para criação de lagoas. Ao município pertencia uma cordilheira de serrotes denominados de Bouqueirão e Canindé. Só serviam para pastagem de gados vacum. A serra Santa Maria servia para plantação de mandioca, arroz, feijão e algodão. Havia também outras serras como a do Machado, Barbalho, do Estevão, dos Macacos etc. *Pordeus* detalha cada uma delas de acordo com sua fertilidade.

Em relação a agricultura informa os preços das terras assim como de sua produção. O valor da terra era de seiscentos mil réis por légua. Condimentos como feijão custavam em torno de seis mil réis, milho dois mil réis, arroz e farinha quatro mil réis e assim por diante. Interessante notar como era fornecido o salário dos trabalhadores. O preço médio para quem cultivava a terra era de 240 réis diários pagos pelo dono do serviço, que recebia mil réis diário.

Para conseguir um aluguel na povoação da vila fazia-se necessário dois mil réis mensais, e para se vestir vinte mil réis anuais, ao passo que o trabalhador para se alimentar ganhava duzentos e

<sup>4</sup> PORDEUS. Op.cit., p.137

<sup>5</sup> Ibid., p. 139-141.

# HISTÓRIA E CULTURAS

quarenta réis diários. Tal informação foi extraída do ofício de 11 de março de 1856. Esses dados foram enviados ao presidente da província pela câmara municipal de Quixeramobim<sup>6</sup>.

Ismael termina suas considerações acerca de Quixeramobim no ano de 1853 deixando clara sua intenção de fazer o leitor conhecer o município em que um dia andou Marica Lessa.

*Creemos, já agora, os leitores capacitados de auferir o meio, onde viveu, cercada de tôdas as considerações, de prestígio político e social, financeiro e econômico, aquela mulher que, na mais chocante pobreza, miserável mesmo, talvez num catre imundo de uma prisão imunda, um dia entrega a alma ao Criador. Marica Lessa, que havia passeado a sua princesia, a sua riqueza e o seu poderio pelas bucólicas ruas Santo Antônio, Bonfim, Cotovêlo, Cruz, Formiga, Juazeiro, Gamboa, Velame, da bucólica vila sertaneja de Campo<sup>7</sup>.*

68

## ESTRATÉGIAS NARRATIVAS DE OLIVEIRA PAIVA

Oliveira Paiva nasceu em 1861 e morreu em 1892. Sua obra possivelmente foi concluída em 1891, um ano antes a sua morte, contudo, sua publicação se deu apenas em 1952, 60 anos após seu falecimento, pela crítica literária Lúcia Miguel Pereira. Oliveira Paiva, enquanto político, se constituía republicano, abolicionista, além de funcionário público, jornalista, seminarista e cadete. Um autor regionalista, possuindo traços de naturalismo e realismo, fazendo um repositório de tendências, com predomínio do positivismo, juntamente com darwinismo e naturalismo. Nesse contexto, abordar a mulher como tema central e por meio de uma visão pouco romântica, significava transgredir com o sistema da época, que tratava a mulher sob o viés da esposa e mãe, cuidadora do marido e do lar, além de quebrar com o estereótipo de ser frágil. Oliveira Paiva exaltava o sertanejo, exemplo de bravura e honradez, em detrimento do homem da cidade, mesquinho e cheio de más intenções, divergindo de Alencar e Euclides da Cunha, que apesar de serem escritores regionalistas, não estereotipavam o homem do campo.

“ À margem de Dona Guidinha do Poço” de Ismael Pordeus foi escrito cem anos após o crime e tentava demonstrar a veracidade dos fatos relatados por Oliveira Paiva, em "Dona Guidinha do Poço" a partir de uma exaustiva leitura documentária para provar a fidelidade dos elementos encontrados no romance para ajustar os personagens aos locais e acontecimentos históricos. Instalou-se por vários dias no cartório do tabelião Antero de Albuquerque Lima, em Quixeramobim, analisando o inventário do capitão mor José dos Santos Lessa, pai de Marica Lessa, datado de 1834, ressaltando as coincidências entre os bens deixados por José dos Santos e os retratados por Oliveira Paiva. Ao longo de todo livro, Ismael Pordeus utiliza-se dessas estratégias, comprovando a cada impasse a realidade por traz do romance. Sua obra teve uma acolhida elogiosa pela crítica literária nacional.

Gustavo Barroso, dedica um capítulo do seu livro, "A margem da história do Ceará", para falar sobre "A verdadeira Dona Guidinha do Poço", que ele garante ter conhecido quando criança pelas ruas de Fortaleza, trôpega e delirante, sendo insultada por garotos que, assim como ele, a conheciam como a velha Lessa, mulher que acabara de sair da prisão, após 20 anos, por mandar matar o marido. A velha Lessa passava o dia mendigando pelas ruas e ao final da tarde voltava para a cadeia, lugar onde se habituara, até mesmo por não mais conhecer outra forma de viver. Barroso, durante todo o capítulo, cita Ismael Pordeus mostrando grande admiração ao trabalho do colega.

6 Ibid., p. 141-144

7 Ibid., p. 144-145

## HISTÓRIA E CULTURAS

Ele também escreve a respeito de uma crônica na revista "O Malho", do escritor cearense Odilon Jucá, cujo pseudônimo chama-se Anástacia. Odilon descreve Marica Lessa em situação lamentável, considerando-a "um molambo de mulher". Segundo Gustavo Barroso, uma história romanceada de um triste fato".

Isamel inicia seu livro falando de sua certeza, após ler o último capítulo do romance de Oliveira Paiva, que se tratava da mesma localidade em que ele nasceu e viveu. Conclui que não era uma obra ficcionista mas história romanceada de um triste fato ocorrido no município de Quixeramobim na época conhecido como Vila Campo Maior de Quixeramobim. Esclarece nas linhas seguintes que o objetivo do seu livro seria o de comprovar por meio de provas irrefutáveis a veracidade do romance de Oliveira Paiva.

*DONA GUIDINHA DO POÇO" constitui um romance baseado em fato real ocorrido, há cem anos, naquele município e que levou à cadeira dos réus rica e potentada senhora pertencente à então melhor sociedade local. O autor do romance, tanto quanto possível, foi fiel à verdade histórica, dela pouco dissentindo. Veremos. Antes, porém, uma advertência: este trabalho, fruto de pesquisas e compilações, necessariamente há de apresentar-se cheio de transcrições, cotejos e confrontos. Organizado em face de uma obra romanceada, indubitavelmente não nos parece venha a interessar outros círculos de leitores, além dos que conheçam o livro de Manoel de Oliveira Paiva<sup>8</sup>.*

69

Da página 09 em diante Pordeus fala a respeito do nome Quixeramobim, citado no livro "Dona Guidinha do Poço" em uma conversa entre ela e Secundino (seu suposto amante, segundo Paiva), onde esse último afirmava não saber que as terras do tio ficavam para além do rio Quixeramobim. Essa teria sido uma pista deixada por Oliveira Paiva na tentativa de mostrar ao leitor mais atento a veracidade da história. Paiva não poderia deixar de fazer tal citação nominal já que mudou o nome dos seus personagens e locais do acontecimento, pelo fato da família de Marica Lessa ainda ser viva na época em que o romance fora escrito.

A substituição do nome Quixeramobim por Cajazeiras é explicada pelo fato de na praça principal da Vila havia uma Cajazeira que fora plantada pelo povo como comemoração à abdicação de D. Pedro I e passou a ser usada como marco do dia 7 de abril de 1831, conforme Ofício da Câmara Municipal de Campo Maior de Quixeramobim ao Presidente da Província<sup>9</sup>.

Pordeus afirma ter Oliveira Paiva agido de forma inteligente ao colocar em Quixeramobim o nome Cajazeiras, cujo forte significado poderia levar ao leitor a reconhecer a veracidade da história.

### AS MULHERES ASSASINAS DE QUIXERAMOBIM

A partir da página 26 o autor inicia sua busca em provar a veracidade do romance, que foi um triste drama real, ocorrido há 100 anos, já que seu livro foi escrito em 1963. Para início de conversa ressalta a participação da mulher Quixeramobiense na política local, citando Barão de Studart, que se refere aos acontecimentos de 15 de agosto de 1875, quando um grupo de mulheres

<sup>8</sup> PORDEUS. Op.cit.p 5-8

<sup>9</sup> Ibid., p. 19-23.

## HISTÓRIA E CULTURAS

invadem a igreja e colocam na rua membros de uma junta militar, qualificando tal participação como “ativa” e “desabusada”, para membros do sexo fraco.

No que diz respeito ao setor criminal, apenas três mulheres são citadas. Joaquina Maria da Conceição, Helena Maciel e Maria Francisca de Paula Lessa, também conhecida como Marica Lessa ou Marica de Abreu, batizada por Paiva de Margarida ou mais popularmente conhecida, Dona Guidinha. Sobre o crime de Joaquina, Paulino Nogueira recolheu da tradição oral a história que se acha publicada no tomo VIII, página 173 da “Revista do Instituto histórico do Ceará”, ou seja, o enforcamento do escravo Francisco, conhecido como “Fuisset”, fato ocorrido no dia 30 de março de 1837, no alto do Rosário em Quixeramobim (pág. 28).

Segundo o historiador, Joaquina morava na serra do Estevão e era casada com o português José de Azevedo, mais conhecido como José de Fama. A mulher teria tido um caso com o escravo em questão e elaborando com ele um plano para matar o marido. O plano consistia em “Fuisset” chamar José de Fama até o mato a fim de comer uma carne gorda e depois lhe desferir um golpe de machado na cabeça. Conta o relato que o escravo assim o fez, enquanto José se deliciava com uns favos de mel. O mesmo caiu por terra tonto e dado como morto após a machadada. Indo relatar a amante o acontecido, a mesma não se convenceu e pediu para que Francisco a levasse ao local do crime, a fim de se certificar com os próprios olhos da morte do marido. O caso é que José de Fama ainda se encontrava vivo e implorava para que os deixassem viver. Joaquina, insensível ao seu sofrimento e suplicas termina de o matar com as próprias mãos e o joga entre as pedras e cobrindo-o de ramos. Contudo, uma cachorrinha que acompanhava José de Fama, não abandonou seu companheiro, se mantendo ali por dias latindo e chamando a atenção dos que passavam, sendo assim o caso descoberto. Preso na serra da Braga, “Fuisset” é processado e condenado à morte na forca pelo júri de Quixeramobim.

Seu enforcamento teve plateia já que o juiz o fez em local público para servir de exemplo aos demais escravos, levados pelos seus donos para assistir o terrível fim de Francisco. Todavia, antes de terminar a execução, conta-se que o céu escureceu e caiu de repente uma chuva torrencial e duradoura, num tempos de seca, onde há muito não se via uma gota de água caída do céu. Após o imprevisto, as pessoas tiveram que se retirar sem dar um fim ao cadáver, que ficou ali pendurado até o dia seguinte. Muitos encararam esse acontecimento como um castigo de Deus e prometeram nunca mais sentenciar alguém a morte, assim como o juiz não presidir mais nenhuma execução. O escurecimento do céu e a chuva teriam sido também um sinal de salvamento da alma do escravo<sup>10</sup>.

E quanto à Joaquina, qual fora seu fim? “Valeu-se da proteção de Gonçalo Nunes Leitão, a cuja sombra viveu longos anos, sendo incerto o destino que depois veio a ter”. Contudo, uma nota nos revela que Joaquina Maria da Conceição foi condenada à morte pelo júri da Comarca em Quixeramobim, em data de 9 de abril de 1856. Tais informações estão registradas no jornal O Pedro II de setembro de 1855 e 31 de maio de 1856, respectivamente. Ignorasse se a pena teve execução<sup>11</sup>.

Helena Maciel, de acordo com João Brigido, era uma mulher valente e vingativa, ninguém lhe suplantava em valentia e vingança, chegando essa a ser apelidada por Nemesi, termo que pode designar uma deusa grega da vingança e da ética. Brigido afirma que ela só não ganhava das demais rivais maritcidas em termos de perversidade. Helena tomou parte em algumas lutas ocorridas entre Macieis e Araújo. Gostava de incitar a discordia e o crime. Euclides da Cunha transfere para seu livro “Os sertões” o fato de Helena, que era irmã de Miguel Mendes Maciel, ter matado o assassino

<sup>10</sup> PORDEUS. Op.cit., p.28-29

<sup>11</sup> Ibid., p. 30.

# HISTÓRIA E CULTURAS

do irmão a sangue frio, não se abalando com a morte do irmão cujo corpo jazia diante dos seus olhos. Pelo contrário, ela o felicitou, pois através dele teve a oportunidade de matar seu inimigo<sup>12</sup>. Ela também confessou muitos anos depois ter mandado espancar André Jacinto, membro muito importante de uma família da vila. Desse espancamento resultou uma lesão cardíaca que o fez morrer em transe horrorosos. Tal agressão teria sido feita com o consentimento da polícia, que fingiu perseguir os espancadores. O livro não fala sobre o fim que levou Helena, apenas ressalta ter sido ela uma das mulheres mais valente que já pisou nos sertões de Quixeramobim.

Conforme o autor, 16 anos mais tarde Joaquina Maria da Conceição veio encontrar uma rival em Maria Francisca de Paula Lessa. Mulher rica e de alta sociedade, que mandara matar o marido, Domingos Victor de Abreu e Vasconcelos, homem de bem e grande fazendeiro dos sertões de Quixeramobim. Eusébio de Sousa cita, entre outros crimes ocorridos no município, o caso do Coronel Domingos, que de acordo com ele, morreu dentro da sua própria casa, no coração da cidade, por um escravo conhecido como Corumbé e a mando de sua própria esposa<sup>13</sup>.

71

## A NARRATIVA DE OLIVEIRA PAIVA

Para quem nunca leu o livro de Manuel de Oliveira Paiva, “Dona Guidinha do Poço”, conta a história de Margarida, uma rica fazendeira, residente na fazenda Poço da Moita, em Cajazeiras (nomes fictícios de Canafístula e Quixeramobim respectivamente). Sendo filha única, herdara os bens do seu pai, o velho Venceslau, que tinha desgosto pela filha não ter nascido homem. Guidinha, como era conhecida, morara com a sua avó na Vila Campo Maior por 4 anos, aonde estudara na escola régia, portanto, sabia ler e escrever. Seu pai, como todo fazendeiro rico, mantinha uma casa na fazenda e outra na cidade para passar o Natal, a festa do padroeiro, assim como as demais festividades.

Margarida fora criada solta, saindo e voltando a hora que quisesse. Era feiosa, baixa, entroncada e carrancuda. “Pouco feminina, pouco mulher, pouco dama e muito fêmea”, como coloca o autor. Mas apesar de feia, não lhe faltavam pretendentes, sua casa vivia sempre cheia de rapazes a cortejá-la. O autor acredita que isso se devia as intimidades que ela proporcionava, permitidas pelas mulheres “direitas” apenas após o casamento. Guida casou-se apenas aos 22 anos, idade considerada tardia para época. E assim o fez porque quis. Casou-se com o major Joaquim Damião de Barros, um homem alto e gordo, de estatura grossa e olhos de tapuru, de um amarelo esverdeado. Ele era 16 anos mais velho que ela (tal fato não consta na verdadeira história, Victor de Abreu e Vasconcelos era apenas 2 anos mais velho do que ela). Damião era natural de Pernambuco, estava no Sertão comprando cavalos, esse era o seu trabalho.

O livro de Oliveira Paiva traz como pano de fundo a seca no sertão. Os retirantes viviam a bater na porta de Guida, essa, por sua vez, sempre os ajudava, dava-lhes comida e banho, alguns se tornavam seus agregados. A seca, apesar de devastadora, não tinha tanto efeito nas riquezas acumuladas e abundantes da fazendeira. Suas terras não podiam ser vistas por completo a olho nu. E mesmo diante de tal cenário, a bondosa e voluntariosa senhora andava sempre com crucifixo de ouro no pescoço. Seu marido não aprovava totalmente a sua generosidade. Alertava sobre não ser possível dar “de comer” a todos. Ela, por sua vez, não fazia caso, simplesmente ignorava e dizia dar do que era seu. Afinal de contas era a dona das posses e sua a decisão final.

<sup>12</sup> Ibid., p. 31.

<sup>13</sup> Ibid., p. 33.

## HISTÓRIA E CULTURAS

Secundino, o sobrinho do marido, chega também de Pernambuco em busca do tio. O livro salienta que o mesmo já viera mal intencionado, cheio de interesses. Ao chegar na fazenda fica de olho nas vastas terras. É muito bem recebido e a partir daí começa os indícios do envolvimento dos dois. O livro deixa rastros da possível e nunca certa traição. Margarida mandava lavar as suas roupas e se preocupava fervorosamente com a limpeza das mesmas. Torna-se a principal freguesa na loja de tecidos que seu marido manda erguer na cidade para o sobrinho. Encomendava roupas até para os agregados. Encontrava oportunidades para ficar sozinha e não conseguiu esconder seus ciúmes quando o mesmo se envolveu com Eulália, a filha do juiz. Dona Guida, sagaz e cruelmente, deu um jeito de por fim ao namoro, causando intrigas.

O autor mostra Guida muito apaixonada, ao passo que Secundino só a via por meio dos seus interesses. Em dado momento do livro, a traição fica com um ponto de interrogação. Em uma festa, das muitas que eram dadas na rica fazenda, Guida encontrava-se em frente a fogueira com Secundino, se dizia cansada e desejosa de voltar para casa. O rapaz se prontificou a pegar a tocha para ir deixá-la, mas a mesma não quis, se negou a aceitar o fogo como condutor, alegou preferir ir no escuro, dessa forma ninguém a veria e a deteria. O capítulo termina dizendo que “Os dois sumiram-se no escuro”.

Margarida possuía forte influência na região em que morava. Mandava e desmandava e era conhecida por todos, inclusive autoridades. Conseguiu até mesmo desfazer uma ordem de prisão para Secundino, acusado de cumplicidade no assassinato do padrasto em Pernambuco. Sendo este fato um dos motivos da sua ida para o Sertão. No desenrolar da história, Damião acaba sabendo dos boatos do possível envolvimento da mulher com o sobrinho e diante de tal possibilidade pensa em suicídio. Joaquim pega uma espingarda e vai em direção ao rio da fazenda. Pretendia se matar subindo em uma árvore que dava para dentro do rio com uma pedra nos pés. Ele daria um tiro na própria cabeça, cairia no rio e a pedra o levaria para o fundo. Morte bem intrigante. Contudo, ao se deparar com uma visagem, um vulto branco, Damião recua às carreiras. Diante da falta de coragem para o suicídio, Quim, como era conhecido, resolve se divorciar e vai morar na cidade, aonde busca proteção e passa a ser escoltado. Em poucos dias o crime se efetua. Ele é morto “traíçoeiramente” com uma punhalada nas costas, na clavícula esquerda. O criminoso se encontrava na figura do escravo da família, batizado por Oliveira Paiva como Naiú. A vítima, antes de cair, ainda pediu socorro e fala para a escrava da casa o nome do assassino, que foi pego prontamente, fugindo somente seu cúmplice Silveira, um vaqueiro da fazenda que o esperava com os cavalos na estrada. Quim antes de morrer colocou a mão na ferida e após isso segurou-se na parede, ficando a marca da sua mão ensanguentada. Muitos diziam ser essa marca um pedido de justiça no limiar da eternidade.

O escravo foi detido e acusou Dona Guida, sua madrinha, de ser a mandante do crime, foi levada ao presídio no dia seguinte à morte do marido, juntamente com o amante. O livro termina com a prisão da sua personagem. Margarida, mulher até então temida e respeitada, passou a ser vaiada e odiada pela turba que a esperava pelo caminho. Montada em um cavalo, com uma saia branca, chicoteava o animal com força e as pessoas viam isso como uma afronta. A consideravam perigosa a partir desse acontecimento. Pessoas que antes a admiravam, agora viravam o rosto para ela. E ao comentarem a respeito dessa mudança de atitude do povo em relação a ela, uma autoridade disse: “O crime, assim como a virtude, nivelam”. E assim foi o desfecho da história do livro de Oliveira Paiva, confrontado por Ismael Pordeus com a documentação histórica.

### **A HISTÓRIA POR DETRÁS DO ROMANCE.**

## HISTÓRIA E CULTURAS

Ismael acredita que muitos cronistas se silenciaram diante desse crime, devido ao poder que detinha Marica de Abreu e a posição social elevada de sua família. Entretanto, faz constante elogios a Oliveira Paiva, que na sua concepção, narrou de forma magistral a história em seu romance e em nenhum momento questiona ou duvida de sua veracidade. Decididamente busca prová-la, convencido do crime e da culpabilidade de Marica Lessa, através de uma abundância de documentos, como inventários, certidão de nascimento, certidão de casamento, testamentos, cartas, entre uma infinidade de registros.

Pordeus utilizou o inventário encontrado do cartório do tabelião Antero de Albuquerque Lima, datado de 1834, para mostrar que o registro dos bens enumerados no romance eram iguais em quantidade, qualidade, espécie e valor. Esse inventário pertencia a José dos Santos Lessa, pai de Maria Francisca de Paula Lessa. Oliveira Paiva se utilizou desse documento visando a fidelidade à narrativa, declarando os bens deixados pelo pai da protagonista.

Antes de adentrar nos documentos, Ismael cita também as fontes orais, que alegavam ter o crime ocorrido no dia 20 de setembro de 1853, em uma casa pertencente ao Sr. Manuel Araújo, conhecido como Neuzinho, e que se achava instalada na época em que Pordeus escreveu o livro, em uma serraria do Agrônomo José Maria de Sales Andrade. Conta-se que em alguns decênios do período vivido pelo autor, existia em uma das paredes internas desse imóvel, situado na praça da Matriz, uma mancha escura que, segundo as pessoas de mais idade, seria o sangue de Domingos Victor, ali impregnado quando ele ao ser apunhalado colocou a mão na ferida e depois se apoiou na parede. A “crendice popular” dava aquela mancha o caráter de um pedido de justiça, partido de uma alma no limiar da eternidade<sup>14</sup> ..Vale ressaltar que a casa foi derrubada e no seu lugar construída uma churrascaria. Antes passou por uma reforma aonde a mancha de sangue fora pintada para parecer mais real.

O autor continua citando as impressões das pessoas acerca do crime. Um senhor, de Pernambuco, bom e respeitável, rico e pacato, sofrera um desgosto doméstico, vendo-se obrigado a se refugiar na Vila de Campo Maior de Quixeramobim, devido a fortes indícios que o levava a crer que a esposa teria um relacionamento amoroso com o sobrinho e querendo ver-se livre dele mandou matá-lo. As citações a respeito de Domingos são sempre positivas, um homem bom, respeitável, pacato, que sofrera um desgosto doméstico, vítima de uma mulher traiçoeira. Pordeus parece não ter dúvida disso.

Continuando as tradições orais, de uma forma resumida, falava-se que Domingos sentindo-se ameaçado, mesmo na Vila de Quixeramobim, teve que viajar para Fortaleza em busca de proteção, voltando com uma escolta de soldados que seguiam seus passos pela cidade, mas que não impediu de ser assassinado dentro de sua própria casa. Pouco depois de voltar da capital, recebeu uma punhalada nas costas por parte do escravo da família, Corumbé. A negra doméstica grita chegando então o vigário que retira o punhal das suas costas. O filho da negra, que também presenciara a cena, sai correndo no encalço de Corumbé, pedindo para que o detessem. Várias pessoas correm em direção ao criminoso, até que já na saída da cidade dois homens o detêm com uma martelada jogando-o no chão. Ao ser levado para cadeia, o escravo revela o nome da mandante do crime, Marica Lessa. No mesmo dia, o delegado, acompanhado de numeroso grupo de homens armados, vão à fazenda Canafistula, onde residia a pretensa mandante. Vendo-se rendida pela tropa, recomendou as serviçais que lhe preparassem roupas para poder viajar durante uma semana para Vila, certa de que voltaria para fazenda em poucos dias.

<sup>14</sup> PORDEUS.Op.cit., p. 35

## HISTÓRIA E CULTURAS

Segundo a tradição oral, como coloca o autor, sem citar nomes ou fontes, Marica Lessa era conhecida por ser mandona e rica, habituada a ver todas as ordens do pai serem cumpridas pelo povo. Invejavam-lhe as outras mulheres as jóias e as intenções que se via alvo. Reza ainda a tradição que foi condenada a 30 anos de prisão, terminando seus últimos anos de vida na mais profunda miséria, implorando a caridade pública nas ruas de Fortaleza e dizendo impropérios aos moleques da rua que a insultavam. Mesmo depois de cumprir a sentença voltava para cadeia por não ter aonde ficar. Passava o dia pedir esmolas e à noite se refugiava em uma cela de cadeia, a mesma dos últimos 30 anos<sup>15</sup>.

Após expor os depoimentos orais, sem citar os autores, Ismael utiliza-se de documentos como jornais da época para mostrar as similaridades entre o que as pessoas diziam com que saía na imprensa local, como a crônica do jornal “O Malho” de autoria do cearense Odilon Jucá, sob o título de Corumbé.

*Faz muitos anos, esmolava pelas ruas de Fortaleza um triste mulambo de mulher, corcunda, olhos a distilarem raiva e rosto simiescamente peludo, como a querer desfazer qualquer dívida sobre a combatida teoria darwiniana da ancestralidade do homem. Esmolava, orgulhosamente, sempre de mau humor, arremetendo contra os que não ouviam ou fingiam não ouvir a sua voz de súplica expelida num timbre imperativo e espectral. Atirava nomes soezes a quem lhe estendia a mão com uma miserável moeda de cobre, um dobrão azinhavrado de 40 réis : "que o metesse no nariz da sogra! . . . " Cumprira já trinta anos de pena judiciária na cadeia pública, de onde, por hábito com aquêlê ambiente sombrio que casava em harmonia com a sua alma, ou por não ter onde ir acostar a ossada mal jeitosa, não quis mais sair..."<sup>16</sup>*

A crônica escrita por Odilon Jucá mostra-se muito similar ao que contava a tradição oral, senão idêntica. O autor transcreve outra prova documental, dessa vez tirada do jornal “O Cearense”, com o título “Mais um assassinato horrível”.

*Com o mais profundo pesar acabamos de saber, e vamos anunciar à nossos leitores, que o nosso distinto correligionario, e amigo, o pacifico, e prestante cidadão, o coronel Domingos Victor de Abreo, acaba de sucumbir ao punhal homicida na villa de Quixeramobim. A provincia, e a sociedade em geral, perdeu com o assassinato do coronel Abreo um respeitavel cidadão. Por desgostos domesticos vio-se o coronel Abreo obrigado à retirar-se no fim do anno passado para esta cidade com receios de sua esposa, com quem era casado ha 20 e tantos anos . Muitas pessoas attribuirão a pusilanimidade taes receios, acreditando sua mulher incapaz de pensar ao menos em crime tão horroroso. Esteve elle por aqui até princípios de maio, e só voltou depois de pedir providencias ao presidente, chefe de policia, que mandarão para alli um destacamento, e recomendarão-no positivamente ao delegado. Chegando alli muitas pessoas quizerão dessoadi-lo de temor de*

<sup>15</sup> Ibid., p 33-36

<sup>16</sup> PORDEUS. Op.cit., p 37-38

## HISTÓRIA E CULTURAS

*assassinato, e até tentou-se consilia-lo com a mulher, mas esta recusou sempre, e ententou o divorcio para a separação de bens.*

Segue-se ainda:

*O coronel estava já pelo divorcio, por que entendia que era este o meio de ficar tranquilo, e quando aguardava este resultado, é assassinado horrorosamente no centro da villa, na sua casa, de maneira por que no-lo refere pessoa fidedigna na carta, que abaixo transcreveremos. Que grande immoralidade lavra no paiz!<sup>17</sup>*

No mesmo jornal “O Cearense”, Pordeus transcreve uma correspondência procedente de Quixeramobim no dia 20 de setembro de 1853. Nela, a tragédia é contada de forma minuciosa e longa, relatando pormenores do caso.

*QUIXERAMOBIM, 21 de setembro de 1853. "Hontem, pelas oito horas do dia, a vista da maior parte dos habitantes desta villa, e defronte do quartel da força de linha, que aqui está destacada, foi barbaramente assassinado o infelis coronel Domingos Victor de Abreu! Seus gritos pedindo socorro forão ouvidos de quaze todas as pessoas que moram no largo em que fica sua caza que he o lugar mais publico da villa; foi de pronto acodido, mas já não achamos os sicarios, apenas lhe ouvimos suas ultimas palavras de agonia. Curumbé ( a ) disse elle a chegarem algumas pessoas em seu socorro. Esse é o alcunho da fera que lhe delacerou as entranhas com um grande punhal que lhe deixou cravado no peito. A primeira pessoa que chegou em socorro da infeliz victima foi o padre José da Cunha...<sup>18</sup>*

A história é sempre a mesma. Domingos é atacado em sua residência pelo escravo Corumbé, um membro da igreja é o primeiro a chegar em seu socorro e a tira-lhe o punhal do peito. Nas páginas seguintes, após mostrar as similaridades das histórias de forma extensa, o autor parte para a prisão de Marica Lessa, utilizando-se de notícias do mesmo jornal.

*NOTICIAS DA PROVINCIA. QUIXERAMOBIM - Communicãonos em data de 23 do corrente o seguinte : No dia 21, pelas 5 horas da tarde, entrarão prezos a mulher do coronel Abreo, a tal Senhorinha, (o cauzador de todas essas desgraças), e o pardo Antônio José, vaqueiro do coronel, em cujo cazebre se acoitava Senhorinha, conduzidos por 16 praças, e pelos dignos delegado, e escrivão em pessoa. Ainda não pode ser apanhado o assassino Francisco dos Santos, mas espera-se que seja, attentas as prudentes diligencias, e empenho do energico delegado ; o nosso honrado, e illustrado juiz de direito, promotor, delegado e todos os cidadão, sem distinção de partido, tem mostrado o mais vivo interesse pela prisão, e punição desses malvados, porem muito de temer que evadão da cadeia, que não tem segurança; e se tal acontecer, muitos aqui correm perigo com essas feras soltas. O*

<sup>17</sup> Ibid., p. 42

<sup>18</sup> PORDEUS. Op.cit., p.47

# HISTÓRIA E CULTURAS

*governo deve tomar esse negocio na maior consideração, e sobre tudo evitar uma fuga".<sup>19</sup>*

Marica Lessa foi considerada uma criminosa de alto risco. Montaram uma escolta para que ela, juntamente com seu vaqueiro, não fugissem. Esse último também fazia parte do crime, já que ficara com os cavalos esperando Corumbé na estrada no momento da fuga, mas sabendo que o escravo havia sido pego evadiu-se.

Nas linhas seguintes o autor cita trechos de outro órgão de imprensa da época, dessa vez o jornal “Pedro II”, órgão que pertencia ao partido conservador na capital da província. Nele o acontecimento é novamente relatado. Abreu é visto como rico e pacífico, além de um grande fazendeiro e que seu assassinato havia sido obra dos “desgostos” e “desmanchos” com a mulher, de quem estava separado, e que o executor do crime seria o vaqueiro. Pordeus abre um parênteses para mostrar que nesse ponto houve um equívoco, uma vez que o feitor do crime fora o escravo Corumbé. Mais adiante conta-se que Domingos era filho de Pernambuco e que casara com a filha do capitão-mor José dos Santos Lessa, que era um dos homens mais ricos e respeitáveis da província, participante assíduo de obras beneficentes e de caridade. Fala-se também do pedido de escolta feito por Abreu visando sua proteção, assim como do seu assassinato em casa. O jornal lamenta profundamente o caso e deseja forças a família afim de superar a tragédia.<sup>20</sup>

Incansavelmente o autor expõe outro texto do jornal conservador D. Pedro II. Esse relato, além de mais extenso, contém mais detalhes sobre o crime. Fala do tamanho e do cumprimento da faca utilizada no assassinato: dois palmos de comprimento e 4 dedos de largura e queficara cravada no peito esquerdo da vítima, não tendo o assassino tempo de retirá-la. Depois de pego e perguntado a respeito do mandante do crime, o escravo teria gritado três vezes em voz alta: “Dona Maria”. E assim o fez no interrogatório, afirmando que Maria Francisca de Paula Lessa, além de ser a mandante, cabeça do crime, havia prometido uma boa recompensa e livrá-lo de todas as acusações. Disse ainda que na noite anterior ao assassinato haviam feito duas emboscada para a vítima e que há muitos dias o observavam de longe.

No parágrafo seguinte Marica Lessa é chamada de adúltera, que andava com Senhorinho, o sobrinho do finado, e que ele teria sido o principal motivo para a morte do tio, uma vez que Maria pretendia “amasiar-se” com ele. Outro motivo encontrava-se no fato do coronel ter pedido o divórcio com separação de bens. Lessa não havia aceitado tal pedido, uma vez que possuía mais bens do que o marido, na verdade, somente ela era detentora de tudo. Abreu apenas usufruía dos bens da mulher. Tais afirmações também são encontradas no livro de Oliveira Paiva, como lembra o autor<sup>21</sup>.

O livro de Oliveira Paiva termina com a prisão de Guidinha. Ela é levada até a cadeia pública de Quixeramobim em um marreco. Os soldados a escoltam de um lado e do outro. O chapéu que descansava sobre a sua cabeça deixava sua testa quase toda a mostra no sol, sua saia de montaria arfava ao vento, causando irritação na turba que se reunia para vê-la. Olhava admirada para tanta gente, causando a impressão de petulância. Esse foi o fim de Guidinha, mas o de Marica Lessa não acabou por aí, como nos mostra Ismael.

O autor explica que após ser presa com Antônio Pererira da Costa, o sobrinho do marido, acusado de ser seu amante e participante do crime, Marica passou a ser motivo de preocupação para as autoridades, pois diante do seu poderio e riqueza receavam um ataque a cadeia em busca de

<sup>19</sup> Ibid., p. 55.

<sup>20</sup> Ibid., p. 55-56

<sup>21</sup> PORDEUS. Op.cit.p. 58.

## HISTÓRIA E CULTURAS

libertá-la<sup>22</sup>. A notícia da tragédia foi levada pelas autoridades de Quixeramobim ao conhecimento do presidente da província e por intermédio deste ao chefe de polícia interino. Vieram instruções da corte em resposta ao ofício do presidente:

*MINISTERIO DOS NEGOCIOS DA JUSTIÇA - Rio de Janeiro em 11 de Novembro de 1853 . Foi presente a S . M . o Imperador o officio n. 174 de 22 de outubro último, em que V . Excia . participou ter sido assassinado em sua propria casa o Coronel Domingos Victor de Abreu e Vasconcelos, sendo acusados como mandantes sua propria mulher e Senhorinho de Tal. O mesmo Augusto Senhor, a quem o referido facto foi bem desagradavel, manda recomendar a V . Excia. que expeça as mais energicas e reiteradas ordens para a prisão de Francisco dos Santos, um dos mandatarios desse attentado, que se evadiu, e para o prompto julgamento dos reos. Deus Goarde a V. Excia . a ) José Thomaz Nabuco de Araujo. Sr. Presidente da Provincia do Ceará. ( 40-A).<sup>23</sup>*

77

Pedia-se no documento a prisão de Francisco dos Santos, o vaqueiro de Marica Lessa, que havia fugido, mas nas linhas seguintes o autor comenta que tal ordem não foi cumprida. Na página 72 em diante Pordeus se dedica a comprovar a riqueza de Marica Lessa, criada em um ambiente de larga fortuna. Uma prova disso encontra-se na lista de bens deixados pelo velho José dos Santos. Essa lista também se encontra tal e qual no romance de Oliveira Paiva. Não cabe aqui transcrevê-la, como fez Pordeus, pois se destacam em três páginas cheias.

No livro de Paiva, Joaquim Damião de Barros, nome dado a Domingos Victor de Abreu e Vasconcelos, era natural de Pernambuco, Goiania. Tal história se comprova na certidão de casamento deles.

*..casei solenemente em face da Igreja ao Tenente Domingos de Abreu de Vasconcellos Junior .com Dona Maria Francisca de Paula, natural desta freguezia, filha legitima do Capitão-Mór José dos Santos Lessa" . "Traslado do testamento com que faleceo o Capitão-Mór José dos Santos Lessa" ..."Declaro que sou natural da cidade de Olinda, bispado de Pernambuco, filho legitimo de José Lobo dos Santos e Mariana Alvares da Fonseca, ambos falecidos. Declaro que sou casado com Dona Francisca Maria de Paula, filha legitima de Vicente Alves da Fonseca e Maria Francisca do Espirito Santo, ambos defuntos, de cujo matrimonio tenho quatro filhos, a saber : os quais são meus verdadeiros e legitimas herdeiros e esta minha filha MARIA se acha casada com Domingos de Abreu Vasconcelos. ...<sup>24</sup>*

O autor também fala que Abreu morreu com 52 anos e que no momento da sua morte Marica Lessa teria 49, sendo apenas de 3 anos a diferença entre os dois, e não de 16 como fala Oliveira Paiva, possivelmente para mudar alguns dados e não tornar tão identica a historia real ao seu romance.

<sup>22</sup> Ibid., p. 63

<sup>23</sup> Ibid., p. 62

<sup>24</sup> PORDEUS. Op.cit.,p. 80, 81

## HISTÓRIA E CULTURAS

*Aos vinte de Setembro de mil oitocentos cincoenta, e tres falliceo da prezente vida assassinado nesta Villa de Quixeramobim o Coronel Domingos de Abreu e Vasconcellos DE IDADE DE CINCOENTA E DOUS ANNOS cazado com MARIA FRANCISCA DE PAULA, e foi sepultado nesta Matriz no corredor em humas Catatumbas, e com o habito de Nossa Senhora do Carmo, e por mim foi Solenemente em commendado; do que para constar mandei fazer este Assento que assigno. O Vigro. Intrino. José Jacinto Bizerra<sup>25</sup>.*

Pordeus chega a conclusão que Marica Lessa e Victor Abreu foram casados durante 26 anos, 2 meses e 20 dias, uma vez que o assento do casamento data de 30 de junho de 1827. Conclui também que Lessa havia casado com 23 anos de idade, não com 22, como tenta modificar Paiva.

Nas páginas seguintes Ismael se detem a falar da vida política de Domingos Victor de Abreu, voltando a se referir a Marica Lessa na página 102. Ele fala que nada foi encontrado a respeito do tipo de Marica Lessa. No livro de Oliveira Paiva ela é tida como feia, baixa, entroncada e carrancuda. Mas conforme a tradição oral, de pessoas que a conheceram já na sua velhice e as quais Pordeus não cita nomes, Maria Francisca possuía uma estatura abaixo da mediana, era gorda, entroncada, olhos pequenos, rosto redondo, muito alva e de cabelos que pareciam ter sido ruivos. Sobre Corumbé, o escravo assassino, ele teria 26 anos em 1853, estatura regular, casado, cor alva, cabelos pretos, olhos castanhos, nariz grosso, boca pequena e pouca barba. Ismael ressalta que nada foi informado a respeito das características físicas de Abreu e Senhorinho. No romance de Oliveira, por sua vez, ele é descrito como alto e “grosso”, de uns “olhos preto amarelado”, semelhantes a um tapuru.

E afinal, que fim tiveram Marica Lessa, Corumbé e Senhorinho Perereira? O autor nos informa que apesar das medidas acauteladoras visando impedir a fuga dos presos, como um destacamento já constituído de 16 praças, o chefe da província julgou necessária a transferência dos mesmos para Fortaleza. Na capital ficariam mais seguros, além de que deixá-los tempos a fio na cadeia de Quixeramobim implicaria despesas e prejuízos ao policiamento local. Ismael recorre novamente a tradição oral para dizer que Marica Lessa fortemente escoltada montava um cavalo toda de preto partindo de Quixeramobim para capital juntamente com Senhorinho e Corumbé. Esses últimos iam a pé, amarrados por cordas de cabelos ou relhos, como era costume naquela época, ao fazer-se transferência de presos de uma localidade para outra. Tal episódio aconteceu no dia 8 de novembro de 1853.

*N. 603 . Illmo. e Exmo. Senr. No dia 8 do corrente forão recolhidos as prisões desta Capital, os criminosos vindos da comarca de São João do Príncipe, Francisco Batalha, Pedro Ferreira d'Almeida, José Ignacio Jardim, e Thomé Campos ; E DA COMARCA DE QUIXERAMOBIM, . MANOEL FERREIRA DO NASCIMENTO-CORUMBÉ, SENHORINHO ANTONIO DA SILVA PEREIRA, MARIA FRANCISCA DE PAULA LESSA, Vicente Alves d'Almeida, Joaquina Maria da Conceição e Raimundo Pereira. Deos Guarde a V . Exa . Secretaria de Policia do Ceará em 10 de Novembro de 1853. Illmo. e Exmo. Snro. Dor. Joaquim Vilella de Castro Tavares.*

<sup>25</sup> Ibid., p.82

# HISTÓRIA E CULTURAS

*Prezidente desta Província. O Chefe de Policia. a ) Antonio José Machado" <sup>26</sup>*

Contudo, na véspera da saída dos presos, fala-se que Marica Lessa e Senhorinho planejaram a fuga de Corumbé, esse e mais alguns presos, incluindo Joaquina Maria da Conceição, a mulher que havia mandado o escravo, seu amante, matar o marido, e mais 23 presos. Foi a maior fuga em massa, talvez a maior já registrada na cadeia de Fortaleza. Essas informações, assim como as que virão a seguir, foram retiradas pelo autor de um ofício de abril em 1856.

*Fuga de presos. - Pela meia noite ou pouco depois os presos da cadeia fugirão em numero de 24, indo entre estes grandes, e famosos faccinorosos, que à tanto custo tinham sido apanhados nos centros desta, e d'outras províncias...". "Estou informado de que o arrombamento da Cadea do crime desta Cidade em 12 de Outubro do anno pp. Foi promovido por Senhorinha Antonio da Silva e sua co-ré Maria Francisca de Paula Leça, afim de que se pozesse a salvo outro có-reo de importancia que podia comprometter quando concorresse ao Jury..."<sup>27</sup>*

Em base no ofício, o objetivo de Marica Lessa e Senhorinho seria o de evitar o comparecimento de Corumbé ao Júri. A fuga também impossibilitou o julgamento destes pelo júri da Comarca de Quixeramobim, em outubro de 1855. Tiveram que aguardar o pronunciamento da justiça durante dois anos na cadeia de Fortaleza.<sup>28</sup>

O júri, todavia foi marcado para o dia 26 de fevereiro de 1856. A notícia da marcação do júri constou no jornal "O Cearense", assim como a sentença recebida pela prisioneira. Marica havia sido condenada a 20 anos de prisão. O relato continua dizendo que Benedito, o advogado de Marica Lessa, havia feito uma excelente defesa, nunca vista até então, mas que apesar disso, não conseguiu livrá-la da decisão inexorável do promotor. Quanto ao Senhorio Pereira, foi condenado como cúmplice e sentenciado a 4 anos e 8 meses de prisão, apesar das tentativas do seu advogado Ratisbona em livrá-lo, que conforme o relato, falou eloquentemente durante 3 horas. Consta também que o júri de Lessa demorou 16 horas e o de Pereira 13.

Encontra-se no noticiário D. Pedro II em 22 de abril de 1856, que Marica Lessa e Senhorio são afastados. O juiz da Comarca concordou com o presidente da província em deixar Marica cumprir a pena em Quixeramobim, ao passo que Senhorio cumpriria a sua em Fortaleza. Mais tarde, todavia, o juiz mudou de ideia e a mandou de volta para Capital. Corumbé, por sua vez, mantinha-se foragido.<sup>29</sup>

Marcolino João de Queiroz, preso em 1841, acusado de escravizar pessoa legalmente livre, trocara correspondência com Senhorio Pereira. E através dessas correspondências, nas páginas do jornal "O Commercial", Ismael conclui que Senhorio era sobrinho de Abreu, como contado no livro de Oliveira, que trabalhava como feitor nas propriedades do tio, que era tido como cúmplice no envenenamento do seu pai e que tinha empreitado com Francisco dos Santos o assassinato de Abreu. Tais informações são retiradas das correspondência entres os dois prisioneiros. Não há dúvidas, portanto, na concepção de Ismael, que Secundino na verdade tratava-se de Senhorinho Pereira<sup>30</sup>.

<sup>26</sup> PORDEUS. Op.cit., p. 103.

<sup>27</sup> Ibid., p. 105.

<sup>28</sup> Ibid.,p. 106- 107

<sup>29</sup> PORDEUS. Op.cit.,p.117.

<sup>30</sup> Ibid.,p. 123-124.

# HISTÓRIA E CULTURAS

Nas páginas 125-127 do seu livro, Pordeus registra as vendas das terras de Marica Lessa após ser recolhida na cadeia de Fortaleza, dando início ao declínio da sua fortuna, que chegou a desaparecer completamente deixando-a em extrema miséria. Alguns ofícios citados nas páginas 128-130, consta que Corumbé ao ser encontrado teve que responder duas vezes ao júri, a primeira em 5 de abril de 1862 e a segunda em 12 de fevereiro de 1864. As atas encontradas no tribunal do júri não esclarecem, contudo, a pena imposta a ele, sendo ignorado o seu destino. A sentença de Marica Lessa, como divulgada nos jornais da época, foi de 20 anos de prisão, todavia, 23 anos após o crime, em janeiro de 1877, seu nome aparece na folha de pagamento relativo as diárias dos presos pobres.

## CADEIA PUBLICA DA FORTALEZA

*Pagamento das diarias dos presos abaixo mencionados, desde o dia 1º à 10 de Janeiro de 1877.*

Nº	NOMES	DIÁRIAS			Obs.
		Dias	P/dia	Importa	
	.....	.....	.....	.....	
	.....	.....	.....	.....	
	<b>Nº 21</b>				
254	M <sup>a</sup> . Ant <sup>a</sup> da Conceição	10	240	2.400	
255	M <sup>a</sup> . Fermina do Esp. St <sup>o</sup> .	10	240	2.400	
256	Marcolina Per <sup>a</sup> . de Jesuz	10	240	2.400	
257	Ricardina Franc <sup>a</sup> . da Conc <sup>m</sup> .	N	N	N	doen.
258	M <sup>a</sup> . FRANC <sup>a</sup> . DE PAULA LESSA	10	240	2.400	
259	Joseph <sup>a</sup> M <sup>a</sup> . de Sz <sup>a</sup> .	10	240	2.400	
260	Rayd <sup>a</sup> . (alienada)	10	240	2.400	
261	Cosma (idem)	10	240	2.400	
262	Inacia (idem)	10	240	2.400	
263	Rayd <sup>a</sup> . M <sup>a</sup> . da Conceição	10	240	2.400	
264	Franc <sup>a</sup> . Alexandrina Romana	10	240	2.400	
265	Anna M <sup>a</sup> . do Nasct <sup>o</sup> .	10	240	2.400	(98)

Em base nos elementos contidos nessa folha de pagamento Pordeus colhe dados a respeito de Marica Lessa na época com 73 anos de idade. Ocupava a cela nº 21 da cadeia publica de Fortaleza, três das suas companheiras de prisão eram loucas (Raimunda, Cosma e Ignácia). Tudo indica que já havia perdido sua fortuna e caído em estado de pobreza pois recebia a diária de 240 réis para prover sua subsistência. É certo que viveu o último terço da sua existência na cadeia, entre criminosos, ladrões, assassinos de todos os graus, chegando mesmo a ter convivência com alienadas. A data em que ela faleceu é ignorada. Pordeus, entretanto, cita um velho livro que pertencia à irmandade do santíssimo sacramento da freguesia de Quixeramobim, que registra a data de nascimento e morte de Domingos de Abreu e Vasconcelos, que ingressou nessa irmandade em 1828, e o nome de Maria Francisca de Paula Lessa, que por sua vez ingressou nela em 1839, pagando a anuidade até 1866, havendo na parte correspondente ao ano de 1889 esta anotação: “Faleceu em estado de pobreza”. Pordeus se pergunta se não foi essa a data da sua morte, e conclui que se assim tiver sido, ela nasceu em 1804 e faleceu em 1889 vivendo 85 anos<sup>31</sup>.

Ismael Pordeus termina sua obra afirmando que o livro Dona Guidinha do Poço não versa, de todo, um tema ficcionista, mas história romanceada de um triste fato ocorrido em Quixeramobim há cem anos. O cenário, a história e as personagens de que serviu Manuel de Oliveira Paiva foram apanhados, pelo romancista, do drama real vivido, entre alegrias e tristezas, pela filha única do capitão-mor de Quixeramobim, Marica Lessa. Antes mesmo de fazer tal conclusão, Ismael dedica os últimos parágrafos do seu livro a um rápido acontecimento que conforme ele teria sido o único depoimento a favor de Marica Lessa. Dona Teté, como era conhecida Teresa Cândida Saraiva

<sup>31</sup> PORDEUS. Op.cit., p. 147.

## HISTÓRIA E CULTURAS

Leão, filha do Dr. Antônio Benício Saraiva Leão Castelo Branco, com seus 12 anos de idade, almoçava na casa de um amigo do pai em Fortaleza, quando apareceu na sala de refeições uma mulher mal vestida, de cabelos desalinhados pedindo esmolas. Seu pai, Antônio Benício, que durante vários anos residiu em Quixeramobim, reconheceu naquela mulher maltrapilha Marica Lessa. Ao ouvi-lo falar baixinho na mesa que ela havia mandado matar o próprio marido, Marica Lessa se indigna e fala com firmeza: “Deus é testemunha de que eu não o mandei matar”. Esse é o único depoimento que consta a seu favor, o seu próprio. Finaliza Ismael Pordeus.

### GRAÇA BRAGA, JORNALISTA, POETISA, FEMINISTA E “ADVOGADA”.

Graça Braga também nasceu em Quixeramobim, graduada como jornalista e pós graduada pela universidade Tennessee nos Estados Unidos. A escritora já recebeu pela imprensa oficial do Ceará, o título de “A princesa das poetisas cearenses”. Além deste livro, Graça Braga também escreveu “Acúleo”, “Nudez do acaso”, “De Vênus a Asthar”, “Olhos do ventre”, “Semideuses da terra do sol”, “Entre a divindade e os homens”, “Ensaio sobre o misticismo no Ceará” em parceria com o general Goês de Campos Barros, sobre o Caldeirão.

Diferentemente de Ismael Pordeus, ela se viu tocada pela história de Dona Guidinha do Poço, mais especificamente pelo sofrimento da personagem. Diante de tal comoção Graça pesquisa e analisa os fatos, chegando a conclusão que Maria Francisca de Paula Lessa, era inocente, sendo uma vítima da sociedade machista da época. A autora escreve então seu romance bilíngue, traduzido para o espanhol, “A absolvição de Marica Lessa”, onde tenta provar a inocência mostrando o lado da mulher.

*Comprovei, mesmo depois de 150 anos, que Marica Lessa era inocente e que a justiça da época não levou em consideração muitos fatos. Analisei e depois escrevi o livro, que muda completamente uma parte da história da cidade de Quixeramobim. O livro é resultado de quatro anos de pesquisa, de muita leitura e tratei de por uma versão feminina para obra, como resgate para uma época”. A história escrita por Manuel de Oliveira Paiva contava que Marica Lessa era acusada de ter matado o esposo. Mas foi na verdade Maria Joaquina e o escravo Fuset<sup>32</sup>.*

Graça levanta uma tese contrária aos resultados da investigação sobre a tragédia. Há uma teoria de que Manuel Ferreira do nascimento, o vulgo Corumbé, seria o verdadeiro autor do crime, motivado por um desentendimento banal entre a vítima e o assassino quando ainda eram crianças.

Baseada nesses fatos, principalmente em documentos antigos, relatos orais e nos autos do júri da época, além de seguir sua intuição feminina, Graça vislumbra a possibilidade de inocência de Maria Francisca de Paula Lessa. No prefácio da obra está escrito:

*...A polêmica está lançada” embora não seja intenção da autora contradizer ou se opor a Oliveira Paiva. Os críticos literários, os juristas, de uma maneira geral a população, que façam uma análise dos acontecimentos e julguem a ré, ou melhor, a suposta co-autora do crime e lancem seus veredictos.<sup>33</sup>*

<sup>32</sup> Diário do Nordeste 13 de agosto de 2009.

<sup>33</sup> BRAGA, Graça. A absolvição de Marica Lessa. Fortaleza. Editora Premium Pág. 1 e 2

## HISTÓRIA E CULTURAS

Graça afirma ser Antônio Conselheiro, o histórico líder messiânico de Canudos, também natural de Quixeramobim, afilhado de Marica Lessa. Ele, assim como a seca avassaladora do Sertão estão contidos em seu romance. Mostra em seu livro como foi o julgamento de Marica Lessa três anos após o crime; a viagem para Fortaleza, aonde a mesma foi sentenciada a 25 anos de prisão; e por fim o júri simulado em 1999, em que a ré foi absolvida pela autora. Ela regressa 100 anos, voltando ao momento da sentença, mas a modificando, fazendo, conforme suas crenças, justiça.

Mesmo mantendo convicção da inocência de Marica Lessa, Graça sempre enfatiza que somente o leitor pode julgar a história e a ré. O romance de Oliveira Paiva poderia ser considerado um segundo Dom Casmurro, na visão da escritora, pois conforme ela não há evidências, provas sobre a traição, apenas especulações sem base.

O romance inicia-se com uma festa no interior de Quixeramobim, em Canafístula, aonde Marica Lessa residiu em uma das suas fazendas. Graça aborda os trejeitos dos matutos da região, o suor fétido exalado durante a dança, o cheiro de “sovaqueira”. As mulheres deixavam uma “inhaca” no salão afim de provocar os homens, que sentiam-se lisonjeados com isso. Ao som do forro e a luz de lampião e lamparinas, elas balançavam suas anáguas, cheirando a suor, peixeira e sangue. Quem não tinha dinheiro para entrar na festa dançava do lado de fora<sup>34</sup>.

Graça também descreve nas primeiras páginas do seu livro o cenário de seca que assolava o sertão nordestino. Ela fala das noites longas e sempre iguais. Das rodas de conversas em que as mulheres se inseriam ao colocar as cadeiras na calçada, diferente dos homens que falavam sobre política, mais especificamente a respeito da primeira república. Cita o nome Quixeramobim e descreve com melancólico o cenário em que seus habitantes viviam. Pessoas que acreditavam ser o sofrimento uma sina natural e que mantinham nos olhos uma tristeza resignada<sup>35</sup>.

Nas páginas seguintes descreve o caráter de Domingos Victor de Abreu e Vasconcelos: um aventureiro, interesseiro, galanteador, que via em Marica Lessa uma oportunidade de enriquecimento. Ajudado pelo padre, que conforme ela era um “alcoviteiro”, consegue ludibriar Margarida e casa-se com ela. O casamento não era do agrado do seu pai, contudo, o desejo de ver sua filha casada e de lhe proporcionar uma festa falava mais alto<sup>36</sup>.

Não se falava de outra coisa na vila de Quixeramobim a não ser do casamento de Marica Lessa. E os convidados foram tantos, que no dia da cerimônia não havia espaço para tanta gente. De acordo com Graça, tudo tinha sido minuciosamente arquitetado pelo coronel Abreu. Antes mesmo de se casar, sua mente já havia friamente calculado os passos seguintes. Ele a desprezaria por anos a fio, faria de tudo para que ela desse pelo menos um motivo para ele pedir o divórcio e ficar com boa parte de tudo que era dela. O acolhimento do sobrinho foragido, portanto, se fez providencial para os planos de Victor, que o usaria como pivô da sua separação<sup>37</sup>.

E assim aconteceu no romance de Graça Braga. Após 20 anos de convivência Abreu conseguiu o desquite e ficou gozando de boa vida, usufruindo de tudo que era da esposa, sem saber o custo e nem o valor de nada. Fazia questão de se vitimizar, de se passar por corno, de chamar Margarida de “mandona”. Difamava descaradamente o nome da ex mulher e encontrava na sociedade espaço para isso. O sobrinho de Damião Barros Pereira, o suposto pivô do crime, o tempo inteiro se insinua para Marica Lessa. Graça deixa clara as intenções pelos bens da tia. Ela, por sua

<sup>34</sup> Ibid., pág. 13

<sup>35</sup> Ibid., pág. 14

<sup>36</sup> BRAGA, Graça. Op.cit., p. 19

<sup>37</sup> Ibid., p. 20

## HISTÓRIA E CULTURAS

vez, não lhe dava cabimento, ignorava-o ao contrário do que é demonstrado no livro de Oliveira em que cai de amores pelo sobrinho do marido e se insinua<sup>38</sup>.

O crime teria sido cometido pelo escravo, contudo, a motivação se constituía outra. Uma desavença teria levado Corumbé a matar o padrinho. A utilização do nome de Marica Lessa seria uma forma machista de se livrar do peso do crime. Graça detalha todo sofrimento, dor e comoção da personagem ao ser levada injustamente para cadeia pública de Quixeramobim. Moradores saíram das suas casas para vê-la, alguns descalços, com roupa de trabalho, chapéu nas mãos, outros mais refinados, bem vestidos, posando de distintos. Seus vaqueiros seguravam-se para não acudi-la. A maioria das pessoas, porém, a insultavam, diziam palavras de baixo calão e agrediam verbalmente. O soldado escolhido para escolta-la chamava-se Pacheco e era um especialista em torturas, enquanto chicoteava o cavalo cruelmente, desviava o chicote e batia nas costas da ré. Pessoas de todos os lugares a esperavam pelo caminho e formavam turbas gritando palavras como adúltera, vagabunda e assassina. Ela seguia em seu cavalo derramando lágrimas de terror, tinha alucinações, se perdia entre o real e o imaginário, se perguntava de onde teriam saído tanta gente para ofendê-la, para julgá-la, para condená-la. Uma vez ou outra aparecia alguém pelo caminho a defendê-la e proferiam palavras de consolo e culpavam o sobrinho do marido, que ia ao seu lado, por tudo de ruim que lhe havia acontecido. Um jovem em especial, vestido de seminarista, a acompanhava ao longo de todo caminho: seu afilhado Antônio Maciel, que se mostrava indignado e apreensivo com o que acontecia com a madrinha, e ela, por sua vez, o abençoava de longe<sup>39</sup>.

A autora acreditava ser Antônio Maciel, mais conhecido como Antônio Conselheiro, afilhado de Marica Lessa, dedicando-lhe um capítulo do livro onde relata que quando menino morava em Carnaúba com sua mãe, uma viúva esquisita e que possuía um amor doentio pelo filho. Viviam de fazer intrigas e contar histórias, principalmente da sua nora Santinha, a qual tinha muito ciúmes. Certa vez falou para o filho que a esposa estava lhe traindo e que se quisesse flagrá-la, era só voltar em casa altas horas da noite e veria um homem pulando da janela do seu quarto. Apesar de receoso, ele assim o fez. Após aguardar um breve instante, de fato viu sair um homem, e guiado pelo calor do momento correu até ele e o apunhalou 7 vezes pelas costas. Para sua grande surpresa, ao tirar o chapéu, esse homem na verdade era sua mãe<sup>40</sup>.

A autora revela, também ao longo desse desfile, algumas características físicas da personagem: baixa estatura, chegando no máximo a um metro e cinquenta e três centímetros; tez branca; olhos pequenos arredondados; e cabelos castanhos. Se vestia de forma elegante e requintada na montaria. Possuía muitos bens e era detentora de grande poder e influência, chegando a tirar homens da cadeia. Suportou todo sofrimento até a cadeia com resignação, ora enxugando suas lágrimas, ora alisando a crina do seu cavalo de estimação. Ao chegar diante da cadeia pública, todavia, se revolta e se indigna, pois havia mandado construir o prédio com seus próprios recursos, e agora o inaugurava<sup>41</sup>.

Ao longo de todo relato Graça sempre enfatiza a força e coragem de Lessa. A descreve como uma mulher forte, valente, destemida, poderosa, vítima de uma sociedade patriarcal onde a palavra de uma mulher valia pouco. Já em reclusão, preocupava-se com seus bens, de quem cuidaria das suas fazendas, dos seus gados, dos utensílios de prata e ouro que seu pai lhe deixara. Chorava e fazia preces a Deus, pedindo conforto, justiça, força para enfrentar aquele momento. Mas apesar de todo sofrimento, mantinha um semblante angelical, de quem sofre com dignidade e resignação. Do lado de fora da cadeia as pessoas continuavam reunidas, dirigindo-lhe insultos e

<sup>38</sup> Ibid., p.21 e 22

<sup>39</sup> Ibid.,p. 26, 30 e 33.

<sup>40</sup> BRAGA, Graça. Op.cit.,p. 39-40.

<sup>41</sup> Ibid.,p. 45-46;64

## HISTÓRIA E CULTURAS

ofensas. Alguns até mesmo tentavam forçar as grades do quartinho em que ela se encontrava, já que e janela da cela dava para rua, permitindo que com algum esforço fosse vista pelos curiosos que se felicitavam com sua desgraça<sup>42</sup>.

Marica, em meio a solidão, lembrava do falecido marido e perguntava-se quem o teria matado. Suspeitava fortemente de Pereira, seu sobrinho, que pretensiosamente se instalou na sua casa e parecia se interessar demasiadamente pelos bens do tio, na verdade, pelos bens dela. Maria Francisca nunca vira com bons olhos aquele sujeito. Sempre duvidou do seu caráter e tentava encontrar um motivo para Victor tê-lo levado para casa e o colocado sob suas asas. Agora ela sabia: tinha servido de pretexto para o divórcio e a mudança para a Vila de Campo Maior, na rua Monsenhor Salviano Pinto, n 210, com duas escravas. Ele possuía dois filhos bastardos, frutos das suas aventuras amorosas com muitas amantes que iam das serviçais da casa grande às meretrizes. Viviam na noite, se embriagando e deixando-a sozinha na fazenda onde levava o tempo a rezar, tirando o terço na sua capelinha, sozinha e infeliz, mas suportando calada o desprezo do marido<sup>43</sup>.

84

As escravas tinham bastante medo de Abreu. Era impetuoso e abusivo. A mais nova, vivia sob a vigilância da sua mãe, com medo que a filha fosse desonrada, pois a seguia sempre pela casa. Quando entrava no quarto para servi-lo, fazia com a maior pressa e pavor possível. O ambiente era de austeridade. No dia da sua morte, entretanto, a escrava mais velha, Deonilha, torcia o pescoço de uma galinha quando ouviu os gritos do patrão pedindo por socorro. Ao se dirigir a ele, o encontrou ensanguentado com um punhal cravado nas costas. Seus gritos de horror se espalharam por toda vila. Logo a casa do coronel se via diante de olhares transtornados de pessoas que tentavam entender o que acontecia. O caso é que o vigário foi o primeiro a chegar e tentar socorrer a vítima, tirando-lhe o punhal das costas, mas já sem jeito, Domingos estava morto. No meio daquele gente saiu a notícia de que o autor do crime seria um dos afilhados de Marica Lessa, o que levou alguns homens ali presentes correr no encalço do assassino. Ao ser pego, Corumbé fala o nome da madrinha, receando ser preso ou mesmo morto, pois conforme a autora, na Vila tinha-se o costume de fazer justiça com as próprias mãos na tentativa de agradar os poderosos. O escravo repetia o nome da madrinha como uma forma de se proteger, pois sabia do seu poder e influência. Maria já havia mandado soltar presos e impedido que outros assim o fossem. Corumbé em momento algum acusou a madrinha de ser mandante do crime. A frase dita foi simplesmente: “Minha madrinha Marica, ela vai me ajudar!”. A partir dessa exclamação concluíram precipitadamente que ela estaria por traz do crime. Sem provas, baseados nas palavras de um escravo que nem ao menos falou aquilo que eles ouviram, de forma impensada e ao calor da emoção saíram para prendê-la<sup>44</sup>.

Antes da sua prisão, todavia, foi feito o velório do coronel em sua própria casa, na sala, em cima de uma mesa de jacarandá. A comoção era grande, principalmente após a notícia de que a própria esposa, a poderosa Marica Lessa, havia providenciado a morte. As mulheres desmaiavam, os homens clamavam por vingança e justiça. A vida na fazenda corria normalmente. Os escravos trabalhavam, Marica rezava em sua capela, quando de longe ouviram-se a cavalaria. Todos assustaram-se, inclusive ela, que imediatamente passou a ter um mau pressentimento. Ao cercar a fazenda os guardas faziam constantes demonstrações de poder, abusavam de sua autoridade, falavam como se fossem os donos do mundo, os justiceiros, pessoas de moral irrepreensível. Encurralaram-na como um animal para o abate, invadiram a cozinha, colocaram as mãos dentro das panelas de comida e do pote de água, insultaram os escravos e bagunçaram tudo à volta deles. Nesse momento o trabalho da fazenda parou, todos abandonaram seus afazeres para irem em auxílio da patrão, mas os guardas ameaçaram atirar. Ao falarem o motivo da prisão, um dos vaqueiros

<sup>42</sup> Ibid., p.69 e 71

<sup>43</sup> Ibid., p.75,80

<sup>44</sup> BRAGA, Graça. Op.cit.,p.90-95

## HISTÓRIA E CULTURAS

afirmou estarem enganados e recebeu uma coronhada na cabeça que o fez desmaiar. O mesmo guarda pegou uma corda para prender os pulsos de Lessa e ao se aproximar ela indaga se estaria sendo presa. A resposta venho em forma de uma cuspada na face, a qual não pôde limpar devido as amarras<sup>45</sup>.

A caminho da cadeia, enquanto sua fazenda ficava para trás, lembrava do sobrinho do marido, o causador de toda aquela desgraça. Agora percebia o seu plano: fazer com que as pessoas pensassem que ela era sua amante, causando assim o divórcio do tio, para depois encomendar seu crime e ficar com sua herança, pois ele era o único parente que lhe restava. A amizade com Corumbé também ficava esclarecido: ele queria usá-lo para cometer o crime. Marica recordava que Corumbé sempre fora um escravo prestativo, vítima das crueldades de Domingos, que descontava todas suas raivas e frustrações nele. Só faltava o esfolar vivo. Desde pequeno apanhava do patrão, chegando em um certo episódio a ser obrigado por este a comer um calango<sup>46</sup>.

Dia 15 de abril de 1856, três anos após o crime, Maria Francisca de Paula Lessa é julgada e considerada culpada pela morte de Domingos Victor de Abreu e Vasconcelos. O dia do seu julgamento parecia mais uma festa. A população aguardava ansiosamente por esse momento. Todos desejavam ver o triste fim daquela senhora. O sorriso estampava-se no rosto da maior parte deles. Foram ouvidas testemunhas falsas, as quais Marica nunca vira na vida, todas a acusá-la. Era a primeira vez depois de três anos que ela se sentava em uma cadeira, com a mesma roupa com que fora presa. Os cabelos oleosos e finos, a pele sem viço, enrugada. Marica não se mexia, não dizia uma palavra, mantinha a cabeça baixa. Depois da sentença só conseguia pensar nas injustiças da vida. Veio à sua mente o caso da Maria Joaquina, que alguns anos antes também estivera sendo julgada ali, na câmara, mas que fora inocentada. Logo ela que matara seu marido tão cruelmente junto com o amante. Primeiro com um golpe de machado, depois, após perceber que ainda se encontrava vivo, mesmo diante dos pedidos de socorro deu-lhe uma pedrada na cabeça que abriu o crânio, e para certificar a morte jogou-o penhasco abaixo, ela segurando pelos braços e o amante pelas pernas. Joaquina se livrou, mas ela não, estava pagando por um crime que não cometera<sup>47</sup>.

O sobrinho do marido foi mandado para o Pará, já Corumbé ficou preso por poucos dias, De tanto fugir da cadeia cansaram de o procurar. Já Marica, além de presa, continuou sendo perseguida. Jogavam-lhe ovos na sua cela, bichos mortos, além de palavras ofensivas. Foi levada para cadeia pública de Fortaleza e uma multidão se reuniu mais uma vez para admirar sua desgraça. O padre que tirou o punhal da clavícula do ex marido, lamentava a prisão, mesmo sabendo que ela não era culpada, mas nada fazia para redimi-la. O próprio juiz que a condenara passou mal ao ver sua saída, pois sentia, juntamente com todos aqueles que ajudaram a incriminá-la, remorso. Algumas pessoas, contudo, afirmavam sua inocência e viam na sua prisão um ato de vingança política. No percurso até Fortaleza sentiu frio, medo, cansaço. Cavalgava mata adentro mesmo durante à noite, quase sem descansar. Não tomava banho e ficava embaixo de uma árvore esperando os soldados voltarem do rio em que iam se refrescar. Sua face não era a mesma, seu corpo fedia. Ela era a única mulher entre vários homens. Depois de três dias juntamente com a comitiva chega em Baturité onde lhe é alugado um quarto. Até então dormia na mata, com a cabeça encostada no tronco de uma árvore com as folhas servindo-lhe de lençol. Um dos soldados acreditava na sua inocência e tentava arrancar a confissão dela, mas sem sucesso. No quarto alugado pode tomar banho, o primeiro desde a prisão. Entretanto, o cômodo não tinha janela, era completamente fechado. Os guardas lhe chamavam de préa, não perdiam a chance de ofendê-la<sup>48</sup>.

<sup>45</sup> Ibid., p. 94, 104-105

<sup>46</sup> Ibid., p.109

<sup>47</sup> BRAGA, Graça. Op.cit. p.119, 122

<sup>48</sup> Ibid.,p. 123, 128-129, 136

## HISTÓRIA E CULTURAS

Graça Braga enfatiza a submissão e obediência de Marica Lessa numa perspectiva ascética. Não reclamava, não se revoltava, apenas mantinha-se em profundo silêncio, suportando todos os abusos com resignação. Ainda ao longo do caminho até Fortaleza, Marica é atacada por uma onça mas é salva por um tiro na cabeça do animal. O cavalo de Lessa, contudo, se assusta com o barulho e a derruba no chão. Nenhum dos soldados lhe estende a mão para tirá-la do chão<sup>49</sup>.

Outro contratempo na estrada foi a morte de um índio enquanto passavam por uma área indígena. O moribundo se contorcia pela chão, clamava com os olhos por ajuda. Marica desceu do cavalo e colocou na boca do doente um pouco da água. Ele morreu em seus braços, sendo deixado para traz com a cabeça coberta com um lenço que continha as iniciais da ré. Mais uma vez Graça enfatiza a bondade incansável de Lessa, que mesmo diante de seu infortúnio conseguia se sensibilizar com a dor do outro<sup>50</sup>.

Ao chegar finalmente em Fortaleza é recebida com uma chuva de carne podre e muitos insultos. Dentro da cadeia, onde era detenta da cela 21 da ala Norte, levava seus dias a chorar, ora silenciosamente, ora de forma estrondosa, podendo ser ouvida de longe, causando muitas vezes comoção entre os guardas mais sensíveis. Com o passar dos anos, contudo, Lessa torna-se indiferente, como uma fantasma segue seus dias de alma vazia. De acordo com o romance, Maria Francisca de Paula Lessa teria ficado 23 anos presa, 3 anos na cadeia pública de Quixeramobim e 20 anos na cadeia pública de Fortaleza. Ao terminar de cumprir sua pena ficara vagando pelas ruas de Fortaleza, mais presa do que antes. Não havia conquistado a liberdade e muito menos a felicidade. Petrificada, mumificada, perdera todos os sentidos. Não respondia quando era perguntada, não sentia dor e nem amor, apenas existia, vagava como em uma nuvem. Suja, corcunda e maltrapilha, andava de rua em rua. No romance, contudo, há uma cena em que Marica se depara com a luxuosa casa de Margarida, filha da sua melhor amiga Angélica, que lhe visitara uma vez na cadeia de Fortaleza nos primeiros anos de sua detenção. Ao vê-la, Margarida lhe chama de assassina, pois assim era conhecida. Lessa se defende dizendo que Deus é testemunha de que ela não mandou matar ninguém. Ao ouvir tal confissão, Margarida percebe que aquela senhora era a estimada amiga de sua falecida mãe e corre até ela tentando consolá-la, mas é interrompida pelo marido que a manda voltar para casa. Aquele gesto de bondade fora o primeiro em que Marica recebera em muitos anos, por isso correu em encontro da mulher e antes que essa entrasse em casa lhe deu o último pertence valioso que ainda tinha guardado, um rosário com gotas de ouro<sup>51</sup>.

No romance a autora esclarece que ao sair da cadeia Marica nunca procurara saber o que acontecera com seus bens, que fim tiveram, nem sequer pensara em voltar para Quixeramobim, apenas vagava sem sentidos pelas ruas.

No capítulo “Túnel do tempo”, Graça Braga volta 143 anos, no dia 14 de abril de 1856, data em que Maria Francisca fora julgada e sentenciada, e refaz o julgamento que acredita ser o correto. Nele é lido o depoimento de Corumbé, o escravo, que nunca fora ouvido. Ele assumia ter matado o padrinho devido a um desentendimento que tivera com ele. Os dois não se relacionavam bem. Domingos era violento e diversas vezes o humilhara. O ponto alto da discussão entre os dois, contudo, teria sido a afirmação por parte de Abreu de que Corumbé havia roubado juntamente com seus comparsas umas cabeças de gado que lhe pertenciam. O termo bandido atingiu o ponto máximo da sua fúria, vindo somar também o “macho defendido por fêmea”. Domingos se referia à esposa que sempre defendia seu afilhado e o tratava como um filho. Corumbé deixa clara a inocência de Lessa, não tendo esta nada haver com o crime. Noutro julgamento, feito no dia 14 de

<sup>49</sup> Ibid., p. 153.

<sup>50</sup> Ibid., p.158

<sup>51</sup> BRAGA, Graça. Op.cit., p. 166, 170, 177

## HISTÓRIA E CULTURAS

abril de 1999, uma advogada jovem, bonita e eloquente, denunciava o machismo, a sociedade patriarcal da época e a falta de direitos das mulheres. Procurava desfazer o equívoco que gerações propagaram pela tradição oral, quando na verdade não haviam provas que confirmassem o suposto mando. A advogada faz muitos questionamentos, confundiu as testemunhas de acusação levando-as a falar a verdade e no final fica tudo esclarecido. Corumbé realmente matara seu padrinho por motivos pessoais. Pereira nunca fora amante de Marica, e se tivesse sido, de acordo com a advogada isso não a tornaria assassina. Mas a verdade é que ele se aproximou dela na tentativa de se apossar de seus bens. O mesmo procurou Corumbé para pedir que matasse o tio, afim de ficar com a herança dele. O escravo, todavia, recusou, fazendo isso mais tarde devido a uma força maior, que foi a raiva que sentiu ao ser chamado de bandido. Marica fora alvo e vítima de dois homens que tentaram se beneficiar da condição masculina para se aproveitar da condição socialmente desprivilegiada de uma mulher<sup>52</sup>.

No final a nova sentença é proferida. Maria Francisca de Paula Lessa é inocentada e a justiça é feita 143 anos depois. Seu nome é limpo depois de mais de um século de calúnias. A ex ré se debulha em lágrimas, sentindo sua dignidade devolvida e seu espírito finalmente descansa em paz. E assim termina o romance de Graça Braga, mudando o olhar da história na contramão de tudo que até então se acreditava como indiscutível. *Vade in pace*. A frase fecha o romance com a autora acreditando que fez justiça à Lessa, uma oportunidade de defesa que mostrou um outro lado da história, nunca discutido, nunca questionado e, na sua opinião, verdadeiro, pois o romance de Oliveira Paiva, perpetuava a visão da “mulher que mandou matar o marido”. Um pensamento machista e que seu livro buscou rebater<sup>53</sup>.

### FÉLIX CORDEIRO DE ALMEIDA, EDUCADOR SOCIAL E ESCRITOR

Félix nasceu no dia 20 de fevereiro de 1980, em Quixeramobim, distrito do Uruquê. Formado em Tecnologia em Agronegócio pela FATEC/CENTEC de Quixeramobim, mas atua profissionalmente como educador social, além de diretor do jornal Uruquê semanal desde 2014. Segundo ele “sua mãe Idelzuith Cordeiro de Almeida costumava cantar cantigas populares de ninar, assim como estórias”. Com 5 anos de idade foi juntamente com a família morar na capital, Fortaleza. Seu pai, Manoel Francisco de Almeida Filho, começou a presentear-lo nessa época com revistas em quadrinhos, desenvolvendo assim seu interesse pela leitura. Foi na adolescência, contudo, que Félix começou a se arriscar na construção de alguns versos, tentando desenvolver o dom de escrever, que ele acreditava adormecido. Em 1991 Félix regressa ao Uruquê. Em 2009 escreve e dirige a peça “A Excravidão” (sic), a pedido de alunos do primeiro ano do ensino médio da escola em que ele trabalhava como zelador noturno, já que precisavam apresentar uma encenação sobre a abolição da escravidão. A peça rendeu três apresentações na cidade de Quixeramobim e estimulando o autor a tirar da gaveta outros textos já iniciados, como o Dona Guidinha do Poço- A peça. Félix escreveu também, além desses dois trabalhos, Cadeira de quatro e o Sapo réu e um romance chamado A Fuga.

### Considerações do autor a respeito do seu livro Dona Guidinha do Poço- A peça

Em conferência ministrada a alunos da Escola Profissional de Quixeramobim em 04 de dezembro de 2017, Felix Almeida explica sua intenção de escrita da peça devido “a importância de exaltar outras personalidades no município além de Antônio Conselheiro”. Estudar essa personagem era de suma importância para abrir leques para outros personagens aparecerem. Felix foi chamado pelo centro cultural de Quixeramobim para dar uma nova versão ao livro de Oliveira Paiva e colocá-lo em forma de peça, mas devido a escassez de recursos não foi possível concretizá-la.

<sup>52</sup> Ibid., p.218, 222, 250

<sup>53</sup> Ibid., p. 223

## HISTÓRIA E CULTURAS

Diante de tais circunstâncias e do desejo de que seu texto fosse apresentado à população decidiu produzir o próprio livro visando conseguir patrocinadores, apoio dos órgãos de educação, tal como da secretaria de Quixeramobim, mas todos foram negados. Então resolveu confeccionar manualmente o livro. Os acabamentos, devido a isso, ficaram um pouco rústicos, mas Felix acredita que “tal fato torna a obra mais valiosa e autêntica”. Assim ele pode trabalhar o artesanato e a literatura juntos.

Baseada no romance de Oliveira Paiva a peça seria escrita em 3 atos, mas, segundo o autor, não conseguiu abordar todos os assuntos e decidiu acrescentar mais um. O primeiro narra a questão da ambientação e do cenário de Quixeramobim, com as secas, as vulnerabilidades dos retirantes, onde Dona Guidinha ou Marica Lessa, incentiva a liberdade de chamá-la como quisermos, surge diante desse cenário de seca e desolação como pertencedora de um grande coração e nobreza.

No segundo ato trata da vida do personagem Secundino, o sobrinho do marido de Dona Guida, que se instala em Quixeramobim com a ajuda de ambos, vinha fugido de Pernambuco devido uma sentença judicial condenatória pela acusação de participação na morte do padrasto. No livro de Oliveira Paiva a fazenda era conhecida como Poço da Moita. Na história real, como nos prova Pordeus, Canafistula. Para o autor o segundo ato traz à tona todo o início da trama. Félix se refere aos personagens ora pelos nomes reais, ora pelos nomes fictícios adotados no livro de Oliveira Paiva, fazendo uma mistura da história romanceada, termo bastante usado por Ismael Pordeus, e da história real comprovada por meio de documentos.

No terceiro ato os personagens começam a se envolver numa “famosa pulada de cerca”. Ela se declara apaixonada e o rapaz também. O marido descobre a traição e “começa então o ba fa fa” que desemboca na grande tragédia. Neste ato busca dar uma diversificada na história inserindo personagens folclóricos como o caipora. No início deste ato as 11 primeiras estrofes são feitas para serem acompanhadas ao som de uma viola. O autor pede que os atores tenham como referência Elomar, um cantador erudito que se desafia a unir o matuto, o rústico ao erudito.

Felix afirma que após confeccionar o livro procurou a Secretaria de Educação para torná-lo paradidáticas escolas, já que se encaixaria sem dificuldades na disciplina de Português, literatura local e regional. Ressalta que sempre teve em mente incentivar o interesse pela história de D. Guidinha do poço. A leitura de um texto teatral enfada e cansa menos do que o romance, principalmente se tratando de um livro como o de Oliveira Paiva, cheio de expressões regionais cujo significado a maior parte da população desconhece. “Dona Guidinha- A peça, todavia, é mais objetivo, vai direto ao ponto, diz para que veio”.

Felix reconhece que quando solicitado para escrever o texto, nada sabia sobre a História, tendo ouvido “por alto” o que todo mundo sabia: a mulher que mandou matar o marido, que construiu a Casa de Câmara e Cadeia para ser sua primeira detenta. Depois de ler o romance se interessou em saber quem era Marica Lessa. Na sua opinião, um exemplo de mulher de “peito”, ativa socialmente, à frente da sua época, que não se curvava diante do universo patriarcalista, que detinha muitas posses, poder e bastante visada. Sem atributos físicos, pouca feminina, de atitude, que discutia, que se expressava, que tinha palavra, que mandava. Uma mulher que destoava do que se esperava dela na época.

Felix cita o livro de Graça Braga como “o outro lado da moeda”, contraponto ao que é narrado no romance de Oliveira Paiva e defesa da inocência da personagem. Em seu livro, todavia, segue a trama do romance, apesar dos pedidos da autora para que o final da peça fosse modificada.

## HISTÓRIA E CULTURAS

Em justificativa à sua decisão Felix diz que a pretensão do seu texto não é de inocentar ou absolver ninguém, apenas vincular a peça ao livro de Oliveira. Apesar de em sua fala tratar Marica como sendo Guidinha, afirma que em seu livro só existe a Guidinha, como o próprio título denuncia.

Na conferência Felix apresenta um texto seu, “A dupla face”, em que aborda as personagens Marica Lessa e Guidinha, escrito a pedido de uma escola para apresentação em forma de esquete. Nele encontram-se três personagens, as duas mulheres, que defendem quem são, e o orador Barnabé, que começa falando que fato nem sempre é história e que história nem sempre é fato. Depois há um confronto entre Guidinha e Marica Lessa. Ambas não se conhecem, são estranhas uma a outra. Cada uma defende sua honra e Barnabé tenta convencê-las de que são a mesma pessoa. Guidinha se revolta afirmando que jamais existirá mulher como ela, ainda mais duas dela, caridosa com os retirantes da seca, que montasse bem a cavalo e que deixava muito homem para trás. Marica Lessa, por sua vez, afirmava “eu também” a cada fala. As duas conversavam tentando se entender, sem saber que ambas eram uma. Barnabé, todavia, esclarece que Guidinha existe apenas no romance de Oliveira Paiva, ao passo que Marica foi sua grande inspiradora, uma mulher real, que viveu nos sertões de Quixeramobim no século XIX, período em que a sociedade era patriarcalista e que ela destoou do que se esperava de uma mulher daquela época. Diz ainda que ela foi vítima dessa sociedade, acusada de um crime que não cometeu. Essa seria, portanto, a diferença entre as duas. Uma cometeu o crime, a outra não. Guidinha cometera o crime, porque assim Oliveira Paiva romanceou. Marica, a real, é inocente. A primeira, contudo, mancha o nome da segunda.

O orador, como pode-se perceber, acredita na inocência de Marica Lessa, a defende. Afirma, assim como Graça Braga, que foi vítima de uma sociedade patriarcal, aonde não teve oportunidade de se defender. Quanto à Guidinha, seria culpada, acreditando que Oliveira Paiva assim o fez.

Felix Cordeiro acredita que há muitas controvérsias entre o real e o romanceado e que jamais chegarão a ser provadas por inteiro. Oliveira Paiva, assim como Ismael Pordeus, entre outros autores, como Gustavo Barroso, acreditam que Guidinha e Marica Lessa foram, são ou sempre serão, a mesma pessoa. Também, na concepção do autor, não se chega a um lugar comum ao que diz respeito a ela ter sido ou não madrinha de Antônio Conselheiro, assim como se ela foi ou não inocente. Para ele são questões que a história nunca revelará.

### **Considerações sobre Dona Guidinha do Poço- A peça**

O livro, como nos fala o próprio autor, busca transformar a obra do cearense Manoel de Oliveira Paiva em teatro, utilizando-se de elementos cênicos, musicais e poéticos, preservando a linguagem original do romance, salientando o vocábulo matuto nordestino ao mesmo tempo que recorre ao lirismo, para tornar a obra acessível ao público de Quixeramobim e despertar o interesse pela personagem, que já faria parte da cultura do município.

Félix também tinha a intenção de levar aos estudiosos da língua portuguesa um prato regional de registro histórico-linguístico, tendo em vista a linguagem rústica adotada em sua obra, dividida entre narrador e personagens. O narrador faz excessivo uso de expressões regionais, deixando clara sua intenção de mostrar a linguagem “matuta” atual como se fosse da época do romance. No primeiro parágrafo da página 09, por exemplo, ele utiliza os termos “meninote”, “maluvido”, “espevitado”, “danado”, “virado no capiroto”, “tamborete” e “alpendre”. Sua linguagem se destaca por ser predominantemente coloquial, como os personagens com pouca instrução falam. Utiliza termos como: “Tá veno”, “cumade”, “tuaia”, “fia”, “juei”, “muié”, “Eita que sol quente da peste”, “Não era flor que se cheirasse”, “Eu tô de goela seca”.

## HISTÓRIA E CULTURAS

Em seu livro, diferentemente de Oliveira Paiva, Felix é mais incisivo e vai direto ao ponto naquilo que Paiva deixa subtendido. Na página 21 deixa claro que Secundino era interesseiro, que estava de olho nas terras do tio. Eis os trechos dos livros, de Felix e Paiva respectivamente.

*“Secundino: -Quase... (Mudando de assunto) Mas eu estou vendo que meu tio tem muitas terras, muito gado, muita criação (com olhar interesseiro). Não sabia que ele tinha se arranjado tão bem assim, não<sup>54</sup>.*

*“O rapaz corria o olho pela fazenda, na qual já ia parecendo ter parte. Muito gado em vista da falada crise. Os matos ressentidos da sequeidão. Devia fazer ali um calorão de rachar...”<sup>55</sup>*

Mais adiante, na página 44, Margarida, já apaixonada, inicia suas tentativas de seduzir o sobrinho do tio. Coloca suas mãos em seu rosto e afirma o querer muito bem. Secundino se retrai e ao perceber o estranhamento que causou desiste naquele momento. Na página 45 é a vez de Secundino se declarar, afirmando que seu tio era um homem de muita sorte, porque Margarida era o que todo homem sonhava ter. Ela se alegra e afirma que a felicidade dele também era a dela. As declarações aconteceram na festa que Guida fizera em comemoração ao seu aniversário. Ao se dizer enfadada da festa, Margarida pede para que Secundino a leve para casa.

*“Secundino: - Vou pegar um tição da fogueira para ir aluminando a vareda.*

*“Margarida:- Não. O tição vai chamar a atenção deles e eu quero sair sem eles darem conta, senão vão esticar conversa e não deixam a gente sair mais. E a lua ta qué um dia, olhe (aponta para o céu. Ele a abraça carinhosamente e saem os dois).<sup>56</sup>*

Na versão de Oliveira Paiva a história é bastante parecida.

*“A tia olhava-o profundamente. Depois queixou-se do aborrecimento e o convidou para ir levá-la a casa. Secundino apanhou um tição.*

*-Não precisa tição... Se me virem não me deixam ir à vontade, já estão bastante pesados...*

*O moço acendeu um charuto e restituiu o tição à fogueira.*

*Os dois, pela vereda sumiram-se no escuro.”<sup>57</sup>*

Esse trecho é bastante significativo no livro de Oliveira, pois nos deixa a dúvida sobre o que aconteceu depois. “Sumiram-se no escuro”. O autor insinua uma possível traição, deixa indícios que essa poderia ter ocorrido. Já Felix usa o termo abraçar carinhosamente e “saem os dois”.

<sup>54</sup> ALMEIDA, Félix Cordeiro de , Dona Guidinha do Poço- A peça. Quixeramobim-CE, publicação do autor.2017,p. 21.

<sup>55</sup> PAIVA, Op.cit., p.24

<sup>56</sup> ALMEIDA,Op.cit., p. 46

<sup>57</sup> PAIVA, Op.cit., p. 62

## HISTÓRIA E CULTURAS

Dando continuidade a essa linha de raciocínio, Felix deixa claro em seu livro a paixão de D. Guidinha por Secundino e suas insinuações para seduzi-lo, dando sempre o primeiro passo em direção ao romance. Ele, por sua vez, se esquia, recua inicialmente, mas depois começa com seu jogo de interesses. No livro de Oliveira Paiva, todavia, suas insinuações, se é que assim podemos chamá-las, não são tão claras e diretas, talvez nem existam dependendo do olhar do leitor. Felix de Almeida interpreta o romance por um olhar acusador, nada simpático à protagonista.

Na página 53 da peça, Margarida volta a insinuar-se à Secundino:

Margarida-( *impede que ele fale colocando o dedo indicador em sua boca*) Xiii(*ela começa a envolver-lhe em círculos. Passando as mãos por todo o corpo do rapaz. Depois, para nas costas dele e o excita com suspiros ao cangote*)É disto que você tava falando, né cabra? Hein? Responde pra tia? (*Ele tenta avançar para ela. Ela sai correndo. Ele a segue.*)

Sem dúvidas essa Guidinha tão sensual e sedutora não é a mesma que encontramos no livro de Oliveira Paiva. Felix a moderniza, erotiza, ardente, sedutora, cheia de atitude. É ela que decide se envolver com o sobrinho.

“Secundino- *Me responda Guida: Você quer me enlouquecer com isso?*”

Margarida-(*ela está ofegante*) *Enlouquecida estou eu, só pode ser... E você é o culpado. E não me venha com essa de que não está entendendo nada. (chega-se nele) Porque vosmicê é causador dessa queima que me dar entre as pernas...*”

“Secundino-(*rendendo-se*) *Mas isso é doidisse...(seguem no jogo corporal da sedução)*”

Margarida- *Mas é bom!*

Secundino:-*Bom é. Mas é perigoso. Isso é mesmo que tá mexendo com abelha italiana, Guida.*”<sup>58</sup>

Secundino é figura da “sensatez”, da “moral”, cautela e responsabilidade do que Guida, que por sua vez, demonstra-se libidinoso e “irresponsável”. O narrador continua afirmando que não há “bicho mais tinoso do que muié.” Que só o “cão sabe”. Ele narra a história de Eulália, a filha do juiz, moça nova e formosa, que se apaixonara por Secundino, sendo correspondida por este. O caso é que Guida, morrendo de ciúmes, dá um jeito de interromper o romance, criando intrigas entre ele e o pai da moça. No livro de Oliveira o mesmo acontece e o autor a considera culpada pelo fim do romance.

No mesmo parágrafo o narrador conta como Joaquim descobriu a suposta traição de Guidinha. Ele voltava de uma vaquejada e ouviu de outros vaqueiros que a mulher dele andava se “rabichando” com o sobrinho. Na peça o próprio Joaquim narra o que sentiu ao saber sobre a possível traição, inclusive a tentativa de suicídio. O autor não refaz a cena aonde ele tenta se matar.

<sup>58</sup> ALMEIDA, op.cit., p. 54

## HISTÓRIA E CULTURAS

Só conta com as próprias palavras do personagem que o desgosto foi tão grande que ele teve a ideia de dar cabo da própria vida.<sup>59</sup>

No livro de Oliveira Paiva, contudo, Joaquim vai com uma espingarda para o rio onde tencionava se matar, mas acaba vendo uma visagem que o impede de prosseguir. Nem todas as cenas são relatadas no livro de Felix. Após saber da traição Joaquim procura o vigário em busca de conselhos. No livro de Paiva acontece o mesmo, mas com outra linguagem. Felix aborda o assunto de uma forma mais leve, com bom humor. Quando Joaquim receia em falar no assunto, o padre diz: “Desembuche logo, homem de Deus”. Ainda não querendo falar, o vigário insiste: “Desenrole logo a língua”. O padre continua dizendo que se não há provas de que ela o colocou “galhas”, ele não deveria pôr fim ao casamento.<sup>60</sup>

Depois de se aconselhar com o padre, Quim, como também era conhecido, resolveu falar com Secundino. Esse último se faz de inocente, mostrando não saber do que o tio estava falando. Joaquim, contudo, contra ataca, se mantém na defensiva. Diz saber que ele andava “se esfregando com Guida”, e que não viesse lhe fazer de besta. Os ânimos se alteram com o decorrer da conversa e Secundino diz não se importar mais com a opinião do tio, que ele acreditasse no que quisesse. E ao ser impelido a ir embora da vila, ela afirma não sair “nem amarrado pelos zóvos”. O narrador entra em cena afirmando que o negócio começou a “fedê”, e depois do “arranca rabo” o pobre do corno ainda pegou foi “ôta”. Ele se refere a um bilhete de ameaças que o marido recebeu.

Após as ameaças Quim começa a refletir consigo mesmo e chega a conclusão de que elas só podem proceder da “Madalena do Poço”, assim que ele se refere a Guidinha, fazendo alusão à prostituta bíblica, além de chamá-la de cachorra. Então decide viajar para capital em busca de proteção policial e também de conseguir o divórcio.<sup>61</sup>

Enquanto Joaquim viajava para capital o vigário procura ouvir a versão de Margarida. Pergunta sobre o divórcio e diz que de fato não estava contente com o casamento há bastante tempo, que o marido lhe desagradava não era de agora, mas que não o tinha mandado embora, ele tinha saído porque queria, alegando, na verdade, que iria a um médico e nega qualquer envolvimento com Secundino<sup>62</sup>.

Tal episódio consta no livro de Oliveira Paiva. Nesse trecho ele nos levanta novamente a dúvida sobre a honra de Margarida. Ela se mostra muito digna e honrada, muito séria, muito dona de si e das próprias palavras. Será que tudo não passava de um devaneio de Joaquim? Essa dúvida não aparece no livro do autor de Quixeramobim.

Na página 70 Guida encomenda o crime do marido a Lulú Venâncio, um vaqueiro que vivia a seus serviços. Mostra um báu e retira dele um punhal que havia pertencido ao seu pai, todo de ouro, valiosíssimo. Fala que já tinha procurado outros dois cabras para fazer o serviço, mas “eram moles demais e não aceitaram quando souberam do que se tratava”. Venâncio, contudo, conforme a mulher, “era o cabra mais destemido daquelas bandas”. O vaqueiro de fato aceitou. Margarida pediu para que ele enfiasse o punhal “até o talo”, tendo a certeza de o deixar morto. Venâncio, entretanto, não conseguiu matá-lo. No momento de feri-lo não teve coragem, recuou. No livro de Oliveira ele chega por traz de Joaquim com o punhal, mas retorna, sem que esse nem ao menos perceba o que

<sup>59</sup> Ibid., p.56

<sup>60</sup> Ibid. p. 57-58.

<sup>61</sup> Ibid., p.60-63

<sup>62</sup> ALMEIDA, op.cit.,p. 65

## HISTÓRIA E CULTURAS

estava acontecendo. Na peça Quim é derrubado no chão e ajudado pelo vigário, e apesar de sair sem nenhum arranhão, teve a consciência da tentativa de homicídio.<sup>63</sup>

Margarida ao ficar sabendo do caso revolta-se, indigna-se com a covardia de Lúlu Venâncio. Ao ser impelido a cometer o crime, disse que não fazia esse tipo de serviço, mas conhecia quem o fizesse. Então pronunciou o nome de Naiú, o escravo da casa, que de acordo com Silveira, era o capiroto em pessoa. E assim ficou acertado. A cena de morte do Joaquim foi completamente modificada por Fêlix. Não condiz com a relatada no livro de Oliveira Paiva. Na peça, Joaquim já aparece ensanguentado, cambaleando e gritando “me acudam”, “Estou morto”, “Vou morrer”, “Chega”... O primeiro a correr na sua direção é Secundino, seu sobrinho. Depois aparece Guida e assume ser a mandante do crime, juntamente com Silveira. Joaquim demora a morrer, ainda conversa, grita, amaldiçoa, e não perdoa o sobrinho, que arrependido lhe pede perdão. Inclusive pede aos prantos, para que Deus o leve no lugar dele. Mais uma vez devemos lembrar que tal cena não se encontra no livro de Paiva. O personagem masculino demonstra dor na consciência, a feminina, frieza e crueldade<sup>64</sup>.

A cena, todavia, continua com uma discussão entre Secundino e Margarida, que ao vê-lo debruçado sobre o tio, o interpela sobre estar arrependido e não sentir mais nada por ela. Como resposta afirma que ela foi longe demais, que não tinha esse direito. Guida o chama de meu amor e ele a chama “cangaceira” (Fêlix, p. 77). Enquanto isso Joaquim se mantém no chão, ainda vivo, ouvindo a conversa dos dois. Guida continuava a insistir com Secundino, dizendo que o amava, que havia mandado matar por amor, que ele também era culpado, que tinha se aproveitado dela e do tio, tudo por interesse. Secundino negava todas as suas palavras e a acusava de louca. Alegava que os sentimentos dela por ele não eram amor, mas loucura. E ela admitia não se importar com isso. “Declarava-se abertamente, desesperadamente”.<sup>65</sup> Secundino continua afirmando que ele não havia mandado matar ninguém, que ela sim era a assassina. Guida, por sua vez, responde que ele a tinha matado de amor:

*Margarida:- Matou sim. Você matou a mim, Secundino. A pior morte é aquela que se morre em vida. Passa-se a não existir existindo. Antes de você chegar eu ia empurrando sua barriga. Nunca tinha conhecido o amor. Já achava que isso nem existia. Que era invenção de poeta. Mas não, ele existe. Infelizmente ele existe. E foi você que me fez descobrir isso. Agora você me condena...”<sup>66</sup>.*

Secundino após ouvir a mulher, lhe acusa de ter se aproveitado das fraquezas masculinas dele, que só não mostrou as cartas que ela o havia mandado para não deixá-la com má fama. Mas que Margarida não passava de uma “cachorra”. Ela, por sua vez o chama de “cão”. Guida afirma saber que iria ser presa, que iria pagar pelo que fez, mas que não se arrependia, que só se arrependia de não ter mandado matar Secundino também. Isso depois de dar uma gargalhada. Guida é presa ali mesmo. Os policiais a levam acorrentada. O corpo morto de Joaquim é abençoado pelo padre e retirado. Secundino também sai.

O episódio citado destoa completamente do que é contado no livro de Oliveira Paiva. Nele, Joaquim morre na sua casa na Vila, tendo tempo apenas de chamar pela negra sua escrava. O

<sup>63</sup> Ibid., p. 73-74.

<sup>64</sup> Ibid., p.75-76

<sup>65</sup> Ibid.,p. 77-79.

<sup>66</sup> ALMEIDA, Op,cit.,p. 79.

# HISTÓRIA E CULTURAS

vigário é o primeiro a socorrê-lo. Em nenhum momento Guida ou mesmo Secundino aparecem nessa cena. Assim como em momento algum no livro Margarida assume ser a culpada, a mandante do crime. Também não há o menor indício de que Secundino tenha se arrependido ou mesmo que não tenha feito parte da emboscada. Oliveira Paiva termina seu livro com a prisão de Margarida, já Felix se despede por aí, utilizando-se da fala do narrador para dizer que “a sede demasiada por dinheiro e felicidade acabam nisso”. Que ele prefere viver sozinho, sem dinheiro e sem ninho, mas com paz. Apesar de toda carga de julgamento negativo sobre a personagem, o narrador afirma “não julgar ninguém”, diz entender que as coisas são como são e acontecem porque tem de acontecer. Cita também a influência do clima na postura das pessoas. Que Guidinha era uma mulher de bastante vontade, assim como muitos de nós hoje.<sup>67</sup>

Ao longo de todo livro, principalmente na cena final, em que ocorre o assassinato de Joaquim, o autor descreve Guidinha como uma mulher completamente descontrolada, movida pela paixão e pelo desejo. Uma mulher pretensiosa, soberba, fria, calculista e vilã da história. Por mais que a intenção do livro não tenha sido de inocentar ou culpabilizar ninguém, sem dúvidas Felix de Almeida inocenta Secundino e culpabiliza Dona Guida, o que Oliveira Paiva não ousou fazer e que Graça Braga se coloca como advogada.

## À GUIA DE CONCLUSÃO

O romance de Oliveira Paiva, Dona Guidinha do Poço, sem dúvidas faz parte da cultura e da tradição da cidade de Quixeramobim, cidade berço do seu acontecimento, uma vez que comprovadamente foi baseado em fatos reais.

O fato de a partir dele surgirem outros romances, como os analisados, todos escritos por autores quixeramobienses, torna a obra, assim como a pesquisa ainda mais interessante. Ismael Pordeus, Felix de Almeida e Graça Braga escrevem seus livros em diferentes épocas e com diferentes propostas, cada um expondo seu olhar sobre a obra, assim como sobre a história que a inspirou. Demonstam seus pontos de vistas, assim como seus preconceitos, seus machismos e até mesmo revoltas em relação a obra de Oliveira Paiva e de dona Guidinha do Poço, a personagem principal da trama.

Marica Lessa, a fazendeira que viveu em Quixeramobim, mais especificamente na fazenda Canafistula no século XIX, herdeira de uma enorme fortuna deixada pelo seu pai, e dona Guidinha se misturam, se confundem. O real e o imaginário se entrelaçam. O livro de Ismael Pordeus, por exemplo, pode ser considerado investigativo, uma vez que sua intenção é provar, comprovar por meio de uma variedades de documentos, a veracidade do romance de Oliveira Paiva. Publicado em 1963 não busca questionar a inocência ou culpa de Marica Lessa, buscando apenas comprovar que a obra é inspirada em uma história real acontecida em Quixeramobim no ano de 1853. Pordeus, entretanto, demonstra em seu livro muita admiração por Paiva, elogiando-o repetidamente como grande escritor, que romanceou o acontecimento de forma brilhante, original.

Graça Braga, em "Absolvição de Marica Lessa", um romance declaradamente feminista, tenta enxergar os acontecimentos sob o olhar de Marica Francisca de Paula Lessa, colocando-a como vítima do machismo e preconceito da sociedade da época, pois afinal de contas, não consta no livro de Oliveira Paiva a certeza da traição. Defende a personagem, declara-na inocente, sofredora, denegrida. Reescreve os acontecimentos descritos no livro como lamentosos, desgraçados, infames, tendo em mente a situação desprivilegiada da mulher. No final absolve Marica Lessa, voltando no tempo em cem anos, e no tribunal afirma que a ré não passa de uma inocente, vítima do machismo

<sup>67</sup> Ibid., p. 82-83.

## HISTÓRIA E CULTURAS

dos que não aceitavam uma mulher forte e autoritária, que comandava seus próprios negócios, assim como sua própria vida.

Felix Almeida, por sua vez, em seu livro “D. Guidinha do Poço- A Peça, publicado em 2017, o mais recente dos três, busca se manter fiel ao livro de Paiva, apenas o transformando em peça teatral. Em sua fala, afirma que não tinha a pretensão de desdizer ou confirmar o que Oliveira escreveu em seu romance, mas de ser o mais fiel possível, contudo, não é isso que percebemos ao longo da leitura. Claramente o autor não conseguiu se distanciar do seu objeto de pesquisa, deixou transparecer seus preconceitos e machismo. Modificou de forma gritante o texto original. Se confundiu ao tentar tornar a linguagem predominantemente regional, como ele autodeclara no prefácio de seu livro, abusando de termos não são propriamente regionais, mas usados pela população de forma humorística, as vezes até pejorativa, como “zovos”

Ou seja essas obras caracterizam bem o que Lukács nos ensina como “Sem dúvida, esse sistema abstrato é justamente o fundamento último sobre o qual tudo se constrói, mas na realidade dada e configurada vê-se apenas sua distância em relação à vida concreta, como convencionalidade do mundo objetivo e como exagerada interioridade do mundo subjetivo”.<sup>68</sup>

---

<sup>68</sup> LUKÁCS, George. A TEORIA DO ROMANCE. Um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. São Paulo. Editora Duas Cidade. 2000. pág. 71.